

Tácito

GERMÂNIA

eBooksBrasil



www.ebooksbrasil.org

Germânia [c. 98 D.C.]
Públio Cornélio Tácito [55-c. 117/120 D.C.]
Versão para eBook
eBooksBrasil
[Para os estudiosos, recomenda-se a versão em
eBookLibris]
Fonte Digital:
Digitalização de Germânia
Tradução de João Penteado Erskine Stevenson
Ed. e Publicações Brasil

IMPORTANTE:

Veja a
NOTA DE COPYRIGHT

Copyright desta edição
Domínio Público

Nota do Editor

A publicação desta obra, uma das muitas obras primas que a Edições e Publicações Brasil S.A. publicou em sua *Biblioteca de Autores Célebres*, tem por objetivo divulgar junto às novas gerações, que não tiveram (nem têm) a oportunidade de aprender o latim no currículo escolar, uma tradução séria e bem cuidada deste clássico.

E, para incentivar os autodidatas que queiram por seus próprios esforços aprender a língua mãe de tantas outras, incluimos o texto original latino.

Como não temos clara a situação de copyright deste título, o leitor é convidado a ler a NOTA DE COPYRIGHT ao final do livro.

Sem mais, boa leitura!

GERMÂNIA DE CORNÉLIO TÁCITO

A grande obra tacitiana acerca dos usos e costumes dos antigos germânicos, foi elaborada ao tempo de Trajano, em plena guerra, insuspeitando o autor a preciosidade monumental, qual insinua Burnouf, que legava à posteridade, a respeito daqueles povos.

“Curta a obra”, aprecia Montesquieu, “**porque é obra de Tácito**, que tudo abrange e tudo vê.”

De feito, o poder de síntese e o estilo vigoroso de Tácito, coloca-o entre os mais primorosos escritores da latinidade. Difícil, então, a sua assimilação em traslado para o vernáculo.

A atualidade do manuscrito que Justus Lipse desvendou ao mundo, na névoa dos tempos de Roma Imperial, e que a edição **Insel Verlag** colheu às mais puras fontes, mereceu acurada e moderna tradução.

Útil à cultura nacional e aos estudiosos das letras clássicas, acreditamos oferecer alguma coisa apreciável, com o volume que ora editamos.



Edições e Publicações

Brasil Editôra S.A.
Rua Liberdade, 704
Caixa postal, 1.806
SÃO PAULO

ÍNDICE

GERMÂNIA

Prefácio

Explicação

Capítulo 1

Limites da Germânia

Capítulo 2

Fatos germânicos

Capítulo 3

Hércules e Ulisses

Capítulo 4

Aspectos físicos

Capítulo 5

Recursos da terra

Capítulo 6

Armamentos. Direção da arte bélica

Capítulo 7

Reis. Chefes. Mulheres

Capítulo 8

Veleda e Aurínia

Capítulo 9

Mercúrio. Hércules. Marte

Capítulo 10

Augúrios e oráculos

Capítulo 11

Assembléia dos povos germânicos

Capítulo 12

Jurisdição

Capítulo 13

Dignidade das armas

Capítulo 14

Chefes para a vitória. Companheiros pelo príncipe

Capítulo 15

O tempo não dedicado à guerra

Capítulo 16

Habitam isolados e esparsos

Capítulo 17

Vestuário

Capítulo 18

Do matrimônio

Capítulo 19

Mulheres e libertos

Capítulo 20

Filhos robustos como os pais

Capítulo 21

Inimigos e amigos

Capítulo 22

Alimentos e cerveja

Capítulo 23

Alimentos e cerveja (bis)

Capítulo 24

Espetáculo

Capítulo 25

A direção dos lares

Capítulo 26

Agricultura

Capítulo 27

Funerais sem pompa

Capítulo 28

Gaulêses na Germânia. Germânicos na Gália

Capítulo 29

Bátavos. Matíacos-Campos

Capítulo 30

Os catos

Capítulo 31

Ainda os catos

Capítulo 32

Usípios e tenteros

Capítulo 33

Bruterros

Capítulo 34

Angrivários. Chamavos. Dulgibinos. Chasuaros

Capítulo 35

Chaucos e Frísios

Capítulo 36

Cheruscos e Fosos

Capítulo 37

Glória insígne ao renome dos Cimbrios

Capítulo 38

Suévos

Capítulo 39

Semnomes

Capítulo 40

Lombardos e os adoradores de Herta

Capítulo 41

Hermunduros

Capítulo 42

Nariscos. Marcomanos. Quados

Capítulo 43

Outros povos germânicos

Capítulo 44

Outros povos germânicos

Capítulo 45

Litoral dos mares suévos

Capítulo 46

Fim da Suévia. O mais é fabuloso

CORNÉLIO TÁCITO

GERMÂNIA
(DE ORIGINE ET SITU GERMANORUM)

Traduzido do original segundo o texto de Insel-Verlag,
Leipzig, com breves comentários.

JOÃO PENTEADO ERSKINE STEVENSON

(Do Departamento de Cultura da Reitoria da Universidade de São Paulo)

Para minhas filhinhas

BEATRIZ e RITINHA ALZIRA:

incentivo para os estudiosos das línguas
clássicas,

oferece o

PAPAI

GERMANIA

C. CORNELII TACITI HISTORICII
ILLVSTRIS XXX LIBRORVM
QVOS AEDIT FRAGMENTA
INCIPIVNT & PRIMO LIBER
TERCIVSDECIMVS VIXITQUE
SVB DOMICIANO

(Título do manuscrito de Tácito)

PREFÁCIO

do

Professor Doutor G. D. LEONI

(Da Faculdade de Filosofia Sedes Sapientiae
e da Sociedade de Estudos Filológicos de São Paulo}

PREFAÇÃO

Todas as vezes que, ao abrir um livro, encontro a palavra “prefácio”, lembro-me da justa definição de um humorista: “O prefácio é aquilo que se escreve depois, se imprime antes e não se lê nem antes nem depois”... Numa palavra é inútil. Por isso talvez nunca me agrade escrever prefações para livros de outrem; e desta vez a exceção vem confirmar a regra. Quando o amigo João Penteado Erskine Stevenson, com especial cortesia, convidou-me para ler a tradução, e comentário apenas terminados, da “Germânica” de Tácito, confesso ter experimentado uma estranha sensação de prazer, que poderia ser interpretada assim: eis um estudioso dotado de bom gosto e de bom senso.

De fato, o bom gosto era justificado logo pela escolha da obra; o bom senso era determinado pela preocupação de dar ao patrimônio cultural de seu país a tradução de uma das mais nobres e perfeitas obras da historiografia latina.

Para dizer a verdade, sempre gostei de Tácito, como gosto de todos os escritores que mostram profunda humanidade. Mesmo se algumas vezes essa humanidade diminui a arte. Mas em Tácito, não é difícil ver o homem quase sempre unido à expressão artística: quando dizemos “estilo tacitiano”, queremos dizer muito mais do que o simples periodizar ou as características da linguagem. O estilo, em Tácito, define mais o homem do que o artista.

Ora, poderíamos discutir o fato de que a objetividade do historiador deveria torná-lo completamente imune de qualquer paixão humana e que nas obras de Tácito demasiadas vezes notamos essa paixão; mas, se refletirmos bem, a paixão não nasce de fonte política, como em Salústio, nem tão pouco de uma parcialidade patriótica, como em Tito Lívio: a paixão de Tácito é moral, é civil, é social, logo verdadeiramente humana. Este vive, de fato, em época de transição, quando depois de absolutismo tirânico dos sucessores de Augusto, Roma conhece um novo período de bem estar com Nerva e Trajano; mas a alma do estudioso que indaga o passado oscilava entre a reação contra os excessos e a restauração político-moral dos imperadores “filósofos”.

Desse modo, somente, podemos explicar e compreender as idéias de Tácito que pareceriam antinômicas e que, ao contrário, são bem coerentes: ele pertencia àquele grupo, que diminuía cada vez mais, de cidadãos em cujas almas continuava o espírito republicano, mas cientes da própria fraqueza e da impossibilidade de conseguir aquilo que no coração almejavam, adaptavam-se ao presente estado da política, aceitando o império, invocando contudo para chefe de governo um homem que fosse digno de Roma por inteligência, costumes e valor.

Além disso, tal atitude explica como ele tivesse a certeza de narrar tudo, como um juiz imparcial, “sine ira et studio”, vendo todavia, mais facilmente o mal do que o bem e sentindo prazer em representar com cores sombrias aquele mal que via nos Césares e no Senado.

Eis porque Tácito não se preocupa em ligar os fatos em suas grandes linhas de desenvolvimento: seu conceito histórico não visa as grandes ações militares e políticas, mas observa com muito interesse o interior da história, os bastidores, os episódios, os casos particulares, tudo, enfim, o que serve para traçar os caracteres das personagens e para iluminar os moventes psicológicos e morais das ações.

* * *

O melhor exemplo dessa moralidade o encontramos justamente nas duas perfeitas monografias: Agrícola e Germânia. Pelo que diz respeito, porém, à Germânia, não me parecem absolutamente acertadas as observações comuns lidas em todos os tratados de literatura latina e que se repetem com monótona precisão: Tácito quis comparar os costumes corrompidos dos romanos com os primitivos e rudes, mas sadios, dos antigos povos germânicos.

Definindo assim a obra do historiador; os estudiosos limitam muitíssimo a importância de uma obra, que, ao contrário, tem todas as características da moral observada sob o ponto de vista social. Não é a comparação, mas o conhecimento real daqueles povos o que interessava a Tácito: na Germânia não encontramos uma tese política, sim uma finalidade informativa.

A Alemanha apresentava um interesse permanente para os romanos e especialmente para quem, como Tácito, possuía elevado conceito da missão histórica de Roma: Os povos germânicos resistiam com tenacidade a

uma profunda penetração da influência romana; e o império não podia tolerar vizinhos poderosos e hostis que limitassem a expansão das Legiões.

O grave problema das relações entre romanidade e germanismo ainda não tinha sido resolvido; e era um problema essencialmente militar, que Tácito expõe em sua quase brutal nudez (capítulo 37). Sob esse aspecto devemos aceitar a obra de Tácito, assim como chegou até nós, com seus muitos erros e inexatidões, que nada tiram todavia da importância da descrição; e sob tal aspecto a Germânia tacitiana é perfeita em seus propósitos artísticos e em suas peculiaridades estilísticas.

* * *

O interesse do assunto nos levou além dos limites impostos por uma simples prefácio: analisar outras observações e mencionar exemplos não teria outra finalidade a não ser a de destruir o prazer do leitor na leitura dessa obra perfeita, que encontra seu perfeito tradutor português.

Difícilmente acho ter encontrado em minhas pesquisas uma tradução moderna que possa mais do que essa concordar com o texto. Sou de opinião de que cada idade necessita de suas traduções: sem dúvida alguma Tácito encontrou seu moderno tradutor em língua portuguesa.

E faço votos para que nesse renascimento de estudos clássicos (que há algum tempo parece esclarecer a obscuridade da incompreensão e para a qual procurei

contribuir com minhas modestas forças de estudioso e de professor) o nome desse tradutor se encontra unido ainda à obra imortal de muitos outros autores latinos.

São Paulo, 15 de Março de 1945.

DR. G. D. LEONI

EXPLICAÇÃO

Difícil descrever-se as obras de Tácito, tais os méritos que delas inferimos relativamente ao conspícuo autor. Biógrafo, historiador, pensador, político e filósofo, não sabemos o que mais apreciar neste estilista proteiforme da literatura latina.

Simples, tão simples quão difícil na forma, repassada de ironia e de profundo senso crítico, Públio Cornélio Tácito foi possivelmente o maior historiador da antiga Germânia.

Não isento de falhas é o admirável trabalho de síntese histórica, mas, até nossos dias, ainda constitui a mais autorizada fonte de estudos dos povos da Alemanha. Raças, costumes, línguas, religiões, geografia, clima, tudo mereceu acurada observação do polígrafo romano.

Tinha razão Montesquieu quando definiu a obra do escritor insígne como a de alguém que tudo abarca porque vê. Vê, observa e sente. É a vida vivida daqueles povo bárbaros, por isso não é exagero dos escritores que qualificam a Germânia de principal monumento que herdamos da história dos antigos povos do Norte.

O historiador Louandre, no século passado, afirmava que, transcorridos mil e oitocentos anos, pode julgar-se ainda a exatidão, e verificar através dos acontecimentos, o perfeito conhecimento do mundo bárbaro revelado por

Tácito.

Quais as fontes em que Tácito teria haurido informes tão completos? Ainda hoje causa-nos espanto a revelação da antiga Germânia, com abundância de pormenores, quase impossíveis para a época; sobretudo para um cidadão romano, quando o Império sofria os mais constantes e feros embates dos bárbaros. Seria Tácito o genial rebento daquele outro Tácito, general romano, comandante da Gália Belga, às fronteiras da Germânia, a que se refere Plínio em sua *História Natural*?

Contemporaneamente com a biografia de Agrícola, teria Tácito elaborado a *Germânia*, no ano 98 de nossa era. É também dessa opinião, entre outras, Sir William Peterson, notável tradutor das obras de Tácito e professor honorário da Universidade de Oxford, por nós tantas vezes consultado nesta versão. O manuscrito original, continha o seguinte título em latim: *De situ, moribus et populis Germaniae libellus*. Preferimos o título da autorizada edição alemã, Pandora n. 7, Insel-Verlag, Leipzig: *De Origine et Situ Germanorum*.

Muitas foram as edições compulsadas na presente tradução, desde as aludidas por Brunet, sobretudo as dos autores medievais e do começo do nosso tempo, com o grande licenciado, Emmanuel Sueyro — *Las Obras de Cornélio Tácito* Edição da Viúva Martin, Madrid, 1614, dedicada ao Arquiduque Alberto da Áustria, que tivemos a oportunidade de examinar, graças à fidalguia dos inteligentes bibliófilos e proprietários da Livraria Brasil, incansáveis colecionadores de obras raras, até às

imperfeitíssimas traduções acadêmicas de algures e de alhures.

Não nos esquecemos dos meritórios comentários do bacharel Eduardo da Silva Chaves, lente de latim do curso anexo à Faculdade de Direito desta Capital, em Edição de J. B. Endrizzi & Comp. – São Paulo, 1914 – Germânia.

* * *

Resolvemos aceitar a divisão da Insel Verlag, como se fora do próprio Treubner, nas letras helênicas, tal a autoridade do nosso editor, quando dividiu a Germânia em quarenta e seis capítulos.

De feito o trabalho de Tácito está dividido em três partes: a primeira ele expõe a situação da Germânia, desde a origem da sua população, até a natureza do solo; a segunda em que descreve os costumes germânicos e a arte bélica; a terceira finalmente — *De Ceteris Gentibus Germanorum* — estuda os diversos povos germânicos em suas principais características.

Acerca do autor, cumpre-nos ainda esclarecer que muito embora fosse ele de inacreditável modéstia, quando aludia a maior parte dos fatos registados nos seus escritos “dir-se-iam mesquinhos e indignos da História”. E entretanto quanto amamos, através do tempo o seu monumental registo — *Os Anais...* Confessava-o, contudo: “Não sou tão desconhecido, e às letras devo esse mérito!”

Tantas edições e em tantas línguas têm sempre

atualizado o nome do imortal romano: há a primeira impressa em Veneza em 1469; a de Londres, 1790; a de Edimburgo, 1790; a de Leipzig, 1801. A melhor tradução francesa é atribuída a Naudet; há outras traduções na mesma língua: a de Amelot de La Houssaye, a de La Bletterie, a de M. Charpentier, edição Garnier, a de Dotteville, a de Du Reau de La Malle, e a notável tradução de Burnouf. Não falar nas afamadas edições alemãs, além da consagrada de Nipperdey — Berlim 1861.(*).

Desejamos igualmente acentuar o valor incontestável das críticas acerca do autor e da obra que encontramos no Larousse, em Brockhaus e na Enciclopédia Britânica, Luicherat, De Freund, Michael Bréae, Calepius, Gardin Dimesnil.

Esta tradução despretenciosa e sem dúvida inçada de imperfeições, visa desvendar aos estudiosos das letras clássicas latinas o imortal historiador da Germânia. Mantivemos literalmente o texto, com prejuízo da elegância da forma. Alteramos apenas a acentuação e alguns tempos de verbo para corresponder ao vernáculo.

J.P.E.S.

CAPÍTULO 1

LIMITES DA GERMÂNIA

Toda a Germânia está separada dos Gauleses, dos Retos e dos Panônios, pelos rios Reno(1) e Danúbio,(2) e dos Sarmatas e Dacos(3) pelo receio (medo) uns dos outros e por montanhas, o Oceano amplos golfos e imensas ilhas abrange, e outros espaços, há pouco conhecidos, e povos e reis que a guerra revelou.

O Reno dos Alpes Réticos do inacessível vértice precipita-se em ligeira flexão ao Ocidente, dirigindo-se para incorporar-se ao Oceano Setentrional. O Danúbio, do fraco e pouco elevado cimo do monte Abnoba(4) se derrama, por entre vários povos, até irromper no Ponto Euxino(5) por seis canais; o sétimo é absorvido nos pantanaís.

Latim

CAPÍTULO II

FATOS GERMÂNICOS

Os próprios Germânicos eu acreditava fossem indígenas,(*) e absolutamente sem cruzamento com ádvenas e outros povos estrangeiros; porque os que procuravam mudar de lugar não se transportavam por terra mas em navios, e o imenso Oceano além, adverso dir-se-ia, dá acesso aos nossos navios. Aquele que ante o perigo do horrído e desconhecido mar, a Ásia ou a África ou a Itália abandonasse, a Germânia buscaria no feio aspecto, áspero clima, triste de habitar e viver se não fosse sua pátria?

Celebram em antigos cânticos, que é a única maneira entre eles de recordar os anais(1) do deus Tristão(2) fautor da terra. E a Mano seu filho,(3) origem e condutor do povo, atribuem-lhe três filhos, cujos nomes dos mais próximos ao Oceano são (denominados) Ingevões,(4) os do meio Hermionos,(5) os outros Istevões. Alguns, que mercê da vetustês, afirmam, decorrem do deus outras denominações, cujo verdadeiro e antigo nome são os Marsos,(6) Gambrívios(7) e Suevos, Vandálios.(8)

Além disso, o nome Germânia, é recente e pouco usado (adotado), mesmo porque os prieiros a atravessar o Reno expulsaram os Gauleses, e agora (depois) são os Tungros(9) que foram então chamados Germanos; assim o nome da nação, não do povo, prevaleceu aos poucos, paulatinamente, e todos (primeiro) antes do nome

inventado pelo vencedor (para incutir medo), e pouco depois o nome por eles mesmos inventado se chamaram Germanos.

Latim

CAPÍTULO III

HÉRCULES E ULISSSES

Entre eles existira a memória de Hércules, celebrado, como o primeiro dos heróis, ao marcharem para as pugnas. Têm eles também da mesma forma cânticos, cujos versos, (entoação), a que chamam bardito(1), excitam os ânimos e propiciam o êxito de futuro embate; tremem ou porque trepidam, segundo saa o exército; não parecem vozes mas uma harmonia (um concerto) de virtudes (coragem). Semelham (afetam) precipuamente a ásperos sons e interrompido murmúrio, em colocando os escudos à boca, para que mais cheia e grave repercuta a voz.

Outros são de opinião de que Ulisses, em suas longas e fabulosas derrotas lançado a este Oceano, penetrou às terras da Germânia; e a cidade de Asburgo, (2) que à margem do Reno está situada e que ainda hoje é habitada, foi fundada por Ulisses de quem conservou o nome; fora encontrado também altar consagrado a Ulisses, aditando o nome de seu pai Laerte, ao mesmo lugar, e que ainda monumentos e túmulos com inscrições gregas existem nos confins da Germânia(3) e da Rhecias.(4) O que não tenho intenção de confirmar com argumentos, nem de desmentir: cada um a seu talante neles confie ou descreia.

Latim

CAPÍTULO IV

ASPECTOS FÍSICOS

Eu mesmo propendo à opinião de que os povos da Germânia jamais se aliaram por casamentos a outras nações e não foram desnaturados,(1) e existiram como povo (nação) permanente e puro somente semelhantes a eles próprios.

Daí o aspecto corpóreo (de corpos), não obstante o avultado número de homens, ser o mesmo entre todos: olhos turvos e cerúleos,(2) cabelos loiros, grande estatura, e somente impetuosos no ataque. Para as fadigas e trabalhos, não têm paciência e não podem tolerar a sede e o calor; suportam porém o frio e a fome, em consequência do clima e do solo.

Latim

CAPÍTULO V

RECURSOS DA TERRA

A terra não obstante difira no aspecto, tem geralmente grosseiras selvas (intrincadas florestas) e pantanaís; é mais úmida para as partes da Gália,(1) mais exposta ao vento à Nóríca,(2) e à Panônia; (3) fértil em grãos, imprópria para árvores frutíferas, abundante em gado, quase sempre pequeno. Nem mesmo possui o ornato que é a glória da sua frente. Contentam-se com o número, que são suas únicas e agradáveis riquezas.

A prata e o ouro lhes negaram por mercê os deuses em ira. Não se afirma também que nenhum veio a Germânia produza de prata ou ouro: quem foi examiná-la? Não são afeiçoados pela sua posse e uso.

Entre eles vêm-se vasos de prata oferecidos a seus chefes e legados, que consideram tanto como se fossem de barro, conquanto os que nos estão mais próximos usam no comércio do ouro e da prata e conheçam e prefiram nossas moedas: os do interior permutam mercadorias conforme a antiga simplicidade.

Preferem o dinheiro velho e mais conhecido, dentado, com uma biga (carro puxado por dois cavalos). Preferem mais a prata do que o ouro, sem predileção especial, porque o número de pratas (vem da prata) é mais fácil para o uso da compra de mercadorias comuns e de ínfimo preço.

Latim

CAPÍTULO VI

ARMAMENTOS. DIREÇÃO DA ARTE BÉLICA(1)

Nem o próprio ferro possuem em abundância como se colige (inference), do gênero de suas armas. Raros são os que se utilizam de gládios ou de lanças maiores: usam frêneas, na sua expressão (linguagem), de fino e curto ferro, mas tão aguçadas e de fácil manejo (uso) que com a mesma arma lutam de perto ou de longe de acordo com as circunstâncias. E a cavalaria (o soldado) se contenta com o escudo e a frênea; a infantaria lança também (dardos) flexas, grande número cada qual e à grande distância, (andam) nus ou cobertos de um saiote. (2) Nenhuma (jactância) ostentação; enfeitam apenas os escudos das mais variegadas cores. Poucos possuem couraças, apenas um ou outro tem capacete de metal ou de couro.

Os cavalos não são afamados nem pela forma (beleza), nem pela velocidade. Não são amestrados a fazer várias voltas, como é do nosso costume: dirigem-nos (reto) direito para a frente ou em curva para a direita, em um apertado conjunto (esquadrão) de maneira que não fique ninguém à retaguarda. Em estimativa geral há mais vigor na infantaria; e por isso pelejam em conjunto (mixto): cavalaria e infantaria, e se torna útil e perfeita (congruente, conveniente) à pugna dos cavaleiros a velocidade dos infantes, que são escolhidos entre a juventude para a vanguarda do

exército.

Estabelecem (fixam) o número: cem para cada aldeia, assim se chamam na sua própria expressão, e o que recebeu o primeiro número (convocação), já, agora, constitui motivo de nome e honra. O exército é composto em forma de cunha. Recuar do lugar, desde que retorne a carga, pensam ser ato de bom aviso de prudência e não de temor.

Trazem os corpos dos seus, mesmo na indecisão do combate. É suprema torpeza abandonar o escudo, e não é permitido ao ignominioso comparecer aos sacrifícios e às assembléias, e muitos que sobreviveram à guerra conjuraram a infâmia com o laço (enforcamento).

Latim

CAPÍTULO VII

REIS. CHEFES. MULHERES.

Os reis são escolhidos entre a nobreza, os generais pelo mérito. Nem os reis desfrutam de infinito e livre poder, e os generais mais pelo exemplo do que pela autoridade se impõem; se forem prestos, valorosos, se atuam na vanguarda, despertam admiração.

A ninguém é permitido senão aos sacerdotes, punir, amarrar, e nem vergastar nem como pena, nem por ordem do chefe, mas como por inspiração de deus, que eles creem dirigir as guerras. Efígies e símbolos cintilantes (resplandescentes) levam aos combates; o principal incitamento (encorajamento) à audácia, é que organizam o conjunto (esquadrão) em forma de cunha, não ao acaso nem por fortuito encontro (reunião), mas por famílias e (parentes) vizinhos; e às proximidades em garantia deixam as mulheres cujos lamentos se fazem ouvir, e o vagido das crianças.

São para cada um as mais santas testemunhas, seus maiores (estímulos) louvadores: as mães e as esposas pensam-lhes as feridas; nem se arreceiam de contar ou sugar (curar) as chagas, trazem alimento e entusiasmo (exortação)(1) aos combatentes.

Latim

CAPÍTULO VIII

VELEDA E AURÍNIA

Rememora-se que exércitos indecisos foram incentivados pelas mulheres, da constância de suas preces e oferecimento de seus seios (peitos), e pelo cativoiro (por eles) pressentido próximo, de que se arreceiarn muito mais para as suas mulheres do que para eles próprios, de tal modo se demanda com mais eficácia o compromisso (fidelidade) das cidades, delas exigindo-se entre as presas (reféns) moças nobres. Acreditam ainda que elas têm algo de santidade e de (providencial) previdência, não desprezam seus conselhos nem desatendem suas previsões (oráculos).

Vimos sob o divino Vespasiano, Veleda(1) considerada pela maioria, por longo tempo, como deusa; e adoraram, também, algures, Aurínia(2) e outras densas, não por (adulação) lisonja, nem para endeusá-las.

Latim

CAPÍTULO IX

MERCÚRIO. HÉRCULES.

MARTE.

Dos deuses o que mais veneram é Mercúrio, que em certos dias acham lícito imolar-lhe vítimas humanas. Hércules e Marte aplacam com animais permitidos. Parte dos Suevos sacrifica também à Isis: donde proveio a causa e origem desse culto estrangeiro, recém (há pouco) descoberto, sob a forma (signo) de uma nave, evidenciando que a religião (é estrangeira) veio de fora.

Alguns e não todos atribuem magnificência aos deuses ou guardam-nos em paredes e assemelham-nos à figura humana: os bosques(1) são consagrados aos deuses, e denominam pelos seus nomes aquele sítio secreto (misterioso), que eles vêem apenas em espírito (reverência).(2)

Latim

CAPÍTULO X

AUGÚRIOS E ORÁCULOS

São (entre outros povos) os que mais acreditam (observam) nos augúrios e oráculos (sortilégios). O modo (costume) de tirar a sorte é simples. Cortam uma vara de árvore frutífera e espalham discretamente, ao acaso assinalando-as, por sobre uma alva toalha, (pano branco). Ao depois, se houver consulta de interesse público, o sacerdote(1) da cidade, ou o próprio chefe de família, no interesse privado (particular), depreca aos deuses, auscultando os céus: toma-os cada um por três vezes, e os interpreta segundo o sinal observado (notado antes). Se houver proibição, nenhuma consulta se faz no mesmo dia acerca da mesma coisa; se permitirem, exige-se a confirmação dos auspícios.(2)

E aqui também se observa (o sistema) de interrogar as vozes e os vôos das aves. É próprio desse povo experimentar também os presságios e as mensagens (avisos) dos cavalos. Sustentam eles nos mesmos bosques à expensa pública dois cavalos brancos e sem contacto com o trabalho profano (dos mortais); os quais atrelados ao carro sagrado, o sacerdote e o rei, os principais cidadãos acompanham e observam seus relinchos e bramidos (estremecimentos).

Nenhum auspício inspira maior fé, não só ao povo como aos maiores; os sacerdotes, que se julgam ministros dos deuses, fazem-nos seus confidentes. Há ainda outra maneira de consultar os augúrios, com o

qual auscultam as eventualidades das guerras. Ao indivíduo do povo com que se está em guerra, aprisionado de qualquer forma, fazem lutar com um eleito de sua nação, cada qual com suas armas pátrias (nacionais): a vitória desse ou daquele é tida (aceita) como prejulgamento (preságio).

Latim

CAPÍTULO XI

ASSEMBLEIA DOS POVOS GERMÂNICOS

Os chefes deliberam sobre as coisas de somenos importância,⁽¹⁾ e as de maior monta decidem todos, de maneira que também tais assuntos, pertinentes (arbítrio) aos assuntos do povo, sejam pelos (principais) chefes prejudgados (anteriormente tratados).

Reúnem-se, quando não haja fato fortuito e imprevisto, em certos dias, nas primícias da lua nova ou da (lua) cheia; porque julgam o momento mais favorável (auspicioso) para entreterem os negócios. Não contam (computam) o número de dias, como nós, mas os das noites. Assim se reúnem, assim se congregam: a noite parece impelir (conduzir) o dia.

Oferecem a desvantagem (inconveniente), de não se reunirem todos (ao mesmo tempo), para não parecerem dirigidos (comandados), e dispendem dois ou três dias em se reunirem, quando a multidão se acalma, eles se sentam armados. O silêncio é imposto pelo sacerdote, que tem o direito (autoridade) de censurar (reprimir).

Em seguida o rei⁽²⁾ ou o chefe, pela ordem da idade de cada um, segundo a nobreza, segundo a hierarquia guerreira, segundo a eloqüência, se fazem ouvir, mais pela autoridade de persuasão do que pela própria força. Se desagradou a decisão, repelem-na em clangor; mas se

agradou, agitam as frêneas; é a forma mais honrada de assentimento (aprovação), de louvar com as armas.

Latim

CAPÍTULO XII

JURISDIÇÃO

É lícito perante a assembléia (concílio) acusar e do mesmo modo conhecer de crime capital. A distinção das penas é feita segundo o delito: os traidores e os desertores enforcam-nos em árvores, os (corruptos) indignos e covardes (infames) afogam nos charcos, sob uma grade. A diversidade de suplícios tem por fim ocultar as infâmias e demonstrar os crimes, durante a punição. E há para os delitos mais leves a penalidade correspondente: em certa quantidade de cavalos e gado são multados os condenados.

Parte da multa pertence ao rei ou à cidade, parte ao próprio ofendido, ou aos seus próximos (parentes). Elegem em as mesmas assembléias os chefes,(1) a quem cumpre administrar justiça nas aldeias e (cantões) povoados; cada um possui cem assessores populares para assisti-los (aconselhá-los) e prestigiar-lhes a autoridade.

Latim

CAPÍTULO XIII

DIGNIDADE DAS ARMAS

De nada cuidam, além disso, de negócio (coisa) público nem particular, senão armados. Ninguém, porém, segundo o costume das armas, poderá trazê-la antes que a cidade o tenha declarado capaz. Então na própria assembléia ou algum príncipe ou o pai ou parente armam o jovem⁽¹⁾ com o escudo e a frâmea: essa é a toga viril entre eles, a primeira honra para os jovens; antes disso é ele considerado no lar, ao depois (do Estado) coisa pública. Nobreza insígne ou grandes méritos dos pais emprestam aos adolescentes a mesma dignidade de chefe; os demais se reúnem a guerreiros mais experimentados (robustos), e já muito (experimentados) provados, nem têm pejo (ruborizam-se) dos rudes companheiros.

O próprio séquito além disso tem também seus graus segundo a compreensão dos que o seguem; e há entre os companheiros grande emulação na obtenção do primeiro lugar junto ao chefe;⁽²⁾ os chefes têm a emulação de congregar o maior número de companheiros e os mais valentes.

O que constitui a sua dignidade, o que faz o seu prestígio é estarem cercados sempre de uma multidão de jovens escolhidos, apanágio na paz, reduto (auxílio) na guerra. Se a sua companhia (séquito) sobressai pelo número e valor, o seu nome e a sua glória não se limitam somente ao seu povo, chegam até as cidades

vizinhas; são, pois, procurados por meio de legados (embaixadas) e cumulados (ornados) de honrarias e na maioria das vezes decidem as guerras com a sua fama (o seu renome).

Latim

CAPÍTULO XIV CHEFES PARA A VITÓRIA. COMPANHEIROS PELO PRÍNCIPE

Assim como em combate é deshonroso ao chefe não exceder em coragem, é vergonhoso à companhia não igualar em valor ao chefe. Na verdade é (opróbrio) para toda vida e infamante a sobrevivência na guerra ao seu chefe:(1) defendê-lo, garanti-lo, acrescer-lhe a sua glória as suas próprias proezas constitui o seu principal (sagrado) juramento: os chefes lutam pela vitória, os companheiros pelo chefe.

Se a cidade em que nasceram, em longa paz e ócio entorpece, a maior parte dos nobres adolescentes procura aquelas outras nações que se empenham em guerra, porque o repouso é desagradável (ingrato) a essa gente e porque para eles se torna mais fácil sustentar uma grande companhia (séquito) pelo saque e pela guerra; exigem, pois, da liberalidade dos chefes o mesmo cavalo na guerra, e a sangrenta (cruenta) frâmea da vitória, acepipes e adornos abundantes ainda que grosseiros preferem em vez de soldo. A munificência é paga pela guerra e pela pilhagem.

Nem arar a terra ou esperar a colheita anual é tão fácil para eles como provocar o inimigo e ser ferido; acreditam além disso ser preguiça inépcia (inércia) adquirir pelo suor o que se poderia obter pelo sangue.

Latim

CAPÍTULO XV

TEMPO NÃO DEDICADO A GUERRA

O tempo que não dedicam à guerra, passam um pouco a caçar,(1) mais tempo porém, votam ao ócio entregues ao leito e à mesa; os mais fortes e aguerridos nada fazem; cometidos o cuidado do lar e da família e dos campos, às mulheres e aos velhos e às pessoas mais fracas de cada casa: vivem na ociosidade, sendo de admirar a contradição da sua natureza, o de terem apego à inércia e odiarem o repouso (quietude).

É costume das cidades fornecer espontânea e separadamente aos chefes certa quantidade de rebanho ou de cereais, aceitos como uma honra, que, além disso, vêm em auxílio de suas necessidades.

O que mais apreciam são os donativos dos povos vizinhos, não só os remetidos pelos particulares, mas também pelo público (governo): cavalos escolhidos, pesadas armas, arnéses e colares; já os ensinamos também a receber dinheiro.

Latim

CAPÍTULO XVI

HABITAM ISOLADOS E ESPARSOS

Nenhuma cidade é habitada pelos povos germânicos segundo o que consta (se sabe), e eles não permitem que as habitações se agrupem (se juntem). Moram isolados e esparsos conforme lhes tenha agradado uma fonte, um campo, um bosque.

Não instalam as aldeias à maneira nossa com edifícios(1) contíguos ou juntos (ligados, juntamente): cada um cerca a sua casa de um espaço (intervalo), ou seja remédio (prevenção) contra casos de incêndio ou por incompetência em edificar. Nem (não) fazem uso de alvenaria (cimento) ou de telhas: empregam material completamente rústico e sem beleza e aparência.

Cuidam da casa diligentemente, esfregando-a com terra fina e brilhante que imita pintura (as cores da pintura), costumam também abrir subterrâneos cobertos de grossa camada de estrume, refúgio de inverno e depósito de cereais, porque se resguardam do rigor do frio em semelhantes lugares, e se chegarem inimigos, devassam os campos abertos, mas as riquezas ocultas e (ignoradas) enterradas iludem (o inimigo), porque devem ser procuradas.

Latim

CAPÍTULO XVII

VESTUÁRIO

O vestuário de todos é o saíote, preso por fivela, ou na falta desta por um espinho: quanto aos mais, dos cobertos, passam os dias inteiros junto ao fogo. Os abastados se distinguem pelas vestes não flutuantes, como fazem (usam) os Sarmatas e Perthas(1) porém justos (apertados) e revelando as formas. Trazem também peles de animais: aqueles que ficam próximos à praia, peles mais comuns; peles mais preciosas (exquisitas) os que ficam no interior, porque a ninguém é fornecido adorno de comércio.

Procuram animais (escolhidos) e mesclam (espargem) com peles arrancadas de outras peles manchadas de animais, que o Oceano Setentrional (exterior) e (ignoto) desconhecido mar produzem.

As vestes femininas não diferem das dos homens, salvo apenas quando as mulheres se cobrem com mantos de linho e os tingem de púrpura, e não ampliam às mangas a parte superior do vestido, trazendo os braços nus; a parte superior do seio (peito) fica descoberto. Ainda que sejam severos os casamentos, nada causa maior admiração (coisa alguma) em seus costumes:

— São quase os únicos dos bárbaros que têm uma só mulher, excetuados os poucos, que não por incontinência, mas por motivo de nobreza, são

solicitados (acercados), por muitas esposas.

Latim

CAPÍTULO XVIII DO MATRIMÔNIO

A mulher não (dota) oferece dote ao marido, mas o marido à mulher. Interferem os pais e os parentes e verificam os presentes; presentes não para despertar (vaidade) à mulher, nem para com eles se adornar a nova esposa, porém bois e um cavalo arreado e um escudo com a frâmea e o gládio.

Com tais presentes é a mulher aceita, e por sua vez ela própria oferece algumas armas ao marido: imaginam nisto o mais profundo vínculo, o arcano misterioso de sua união, o desígnio dos deuses.

Para que a mulher não se julgue alheia às cogitações de coragem e aos eventos da guerra, é advertida (nesse sentido) pelas próprias cerimônias do matrimônio,(1) cujas primícias como companheira de trabalhos e perigos do marido, com quem deve sofrer e lutar (ousar) não só na pz como na luta; os bois jungidos, o cavalo equipado, as armas doadas, assim lhe ensinam.

É assim que devem viver, é assim que devem perecer: recebe um depósito para intacto (inviolável) e digno a seus filhos restituir, e que (o qual) suas noras receberão e por sua vez transmitirão aos netos.

Latim

CAPÍTULO XIX

MULHERES E LIBERTOS

Envolvem-nas a pudicícia,(1) sem as seduções dos espetáculos, sem as exaltações dos banquetes. Os maridos e as mulheres ignoram o mistério das cartas. Em tão numeroso povo muito poucos são os adultérios, cuja imediata punição é permitida aos maridos: de cabelos cortados, desnuda na presença dos parentes, o marido a expulsa de casa e a persegue, de açoite por toda a (povoado) aldeia; não há na verdade perdão, não encontrará marido, nem tendo beleza, nem tendo riqueza.

Ninguém lá se (ri) diverte com o vício, nem o corromper e ser corrompido é o viver como o século. Melhor procede ainda a cidade em que só as virgens podem casar e que somente uma vez se fixa o limite para o voto da mulher.

Assim só se vêem um marido da mesma forma que há um só corpo e uma só alma (vida), para que seu pensamento não vá além e seu desejo (cupidez) não seja mais (prolongado) intenso, para que amem o marido, tanto como o matrimônio. Limitar o número dos filhos ou matar algum nascido, é considerado infâmia pois os bons costumes valem aí mais do que as boas leis.

Latim

CAPÍTULO XX

FILHOS ROBUSTOS COMO OS PAIS

Vivem no lar nus e sujos, e assim crescem com esses membros e corpos de que nos espantamos. Cada mãe(1) cria (amamenta) seus filhos,(2) e não os entregam a criadas nem a amas. Nenhuma distinção há entre o senhor e o escravo quanto à educação: vivem entre seus rebanhos, e na mesma terra até que a idade separa os livres e o mérito os tornam conhecidos. Conhecem tarde mulheres, e isto (prolonga) conserva-lhes a juventude (puberdade).

Nem se apressam em casar as filhas; devem (os nubentes) ser iguais em corpo, idade e forças: e assim se transmite (refletem) a robustez dos pais. Os filhos das irmãs gozam no lar tio da mesma estima (honra) como em casa do pai.

Alguns pensam que semelhante parentesco é mais precioso e íntimo (laço de sangue). Quando recebem reféns os preferem com o mais seguro e firme ânimo de conservar o lar.

Todavia os filhos são os herdeiros e sucessores dos pais, e ninguém faz testamento. [Se não são livres] os irmãos, os tios paternos, os tios maternos. É mais agradável (considerada) a velhice aos que têm mais afins; não há vantagens entre eles em não constituir família.

Latim

CAPÍTULO XXI

INIMIGOS E AMIGOS

É necessário ser inimigo dos inimigos do pai ou dos parentes e amigos de seus amigos; não duram (implacavelmente) porém as inimizades; porque até o homicídio é compensado com certo número de ovelhas e toda a família recebe esta satisfação (reparação), o que é coisa útil para o público, pois são mais perigosas as inimizades quando há liberdade.

Nenhum povo se ocupa com maior entusiasmo de banquetes e hospitalidade. Porque constitui (coisa nefasta) grande maldade negar a casa a alguém; cada qual recebe com manjares preparados de acordo com as possibilidades (posses).

E quando nada resta para oferecer àquele mesmo que o hospedou, o conduz e juntos entram à casa de vizinho sem convite. O que não importa: os dois são tratados com humanidade. Ninguém distingue o conhecido do estranho.(1)

E é costume entre eles não negar nada ao que parte (o que se vai); e o que fica tem a mesma facilidade em pedir. Apreciam as dádivas e não se obrigam pelos recebidos: (A cortesia é um ato de hospitalidade).

Latim

CAPÍTULO XXII

ALIMENTOS E CERVEJA

Ao se levantarem da cama (do sono), que prolongam a maior parte do dia, lavam-se primeiro a maioria das vezes com água quente, porque é quase sempre inverno nessa terra. Depois de lavados, come cada um em assento e mesa à parte. Depois vão armados para os seus negócios, e muitas vezes aos banquetes.(1) Não têm por deshonroso passar todo o dia e toda a noite bebendo.

E assim de ordinário há rixas e desavenças que não acabam com palavras mas a maioria das vezes com ferimentos e morte. Empenham-se também nos banquetes em reconciliar os inimigos, de contratar casamentos e de eleger seus chefes, e finalmente das coisas da paz e da guerra, porque em outra ocasião o espírito (ânimo) não está mais apto para as cogitações simples, não eutusiasma tanto para as grandes empresas (cogitações).

E com ser essa gente pouco astuta, e sagaz, descobrem os seus íntimos segredos; mais ainda revelam suas intenções. Podem ao dia seguinte desdizer-se (retratar-se), porque receia-se o que haja entre os dois tempos (ontem e hoje): e assim decidem (deliberam) quando não podem fingir, (agem) resolvem quando não podem errar.

Latim

CAPÍTULO XXIII

ALIMENTOS E CERVEJA

(Bis)

Fazem certa bebida de cevada(1) e trigo, fermentada à semelhança de vinho; os que habitam próximos à margem (do Reno) compram vinho. Os seus manjares (alimentos) são muito simples, maçã silvestre, caça abatida no momento (carne fresca) e leite coalhado: sem aparato, sem acepipes (requintes da mesa) dominam (expelem) a fome. Mas não usam dessa temperança com respeito à sede. E se lhes dessem de beber quanto quisessem, mais facilmente seriam vencidos pelo vício do que pelas armas.

Latim

CAPÍTULO XXIV

ESPETÁCULO

Os espetáculos são todos de um único gênero: mancebos nus, a quem o exercício(1) é seu divertimento, saltam (se arrojam) entre espadas e frâneas em riste. O exercício dá-lhes arte, a arte a graça, sem nenhum interesse ou remuneração porque recebem como prêmio (mercê) de sua temerária ousadia o prazer dos que estão presentes (espectadores).

É coisa notável, mesmo sem terem bebido, fazem cabedal de jogar dados, com tanta temeridade em ganhar ou perder, que, quando já não lhes resta nada, em derradeiro e desesperado lance apostam (jogam) a liberdade e o corpo. E o que perde (o vencido), torna-se por sua própria vontade escravo: e ainda que mais moço, e mais robusto deixa-se amarrar e vender. E são tão obstinados nessa perversão que ainda dizem que é por manter a palavra (por boa fé). Vendem os escravos assim havidos para se livrarem também da vergonha de semelhante vitória.

Latim

CAPÍTULO XXV

A DIREÇÃO DOS LARES

Não se servem de outros escravos(1) como fazemos nós, que empregamos cada um em seu mister: qualquer deles tem sua casa, e governa os seus penates. E o senhor faz-lhe pagar um tributo em grão, ou em gado (ovelha), ou em vestes, como se fora um lavrador: porque a mulher e os filhos prestam outros serviços à casa.

Raras vezes espancam o escravo ou o amarram, ou forçam-no a trabalhar: porque matam-nos, não por castigo, nem severidade, mas quando cegos de palxão ou de cólera como se fora algum inimigo, ainda que o façam sem nenhuma penalidade.

Os libertos são pouco mais estimáveis que os escravos, e por exceção têm autoridade em sua casa, jamais na cidade, exceção feita àqueles povos que são governados por reis. Porque aí podem (valem) mais que os libertos e os nobres; que em outras terras a desigualdade da condição dos libertos(2) é prova da liberdade.

Latim

CAPÍTULO XXVI

AGRICULTURA

Não sabem dar por interesse (juros); nem acrescentar o cabedal com usura, o que é observado como se fora proibido. Todos os moradores de uma cidade segundo seu número ocupam os campos que são partilhados entre eles, conforme a qualidade (dignidade) de cada um; e podem fazê-lo facilmente (comodamente) devido à amplidão do campo.(1) Mudam de terra todos os anos e ainda lhes sobra a terra.

Porque não procuram aumentar com o trabalho sua fertilidade e grandeza, plantando pomares, cercando os prados e regando as hortas: da terra (impõem) exigem somente o trigo. Do que não dividem o ano em tantas estações: o inverno, a primavera e o estio têm nomes (são conhecidos), desconhecem o outono e as suas dádivas (frutos).

Latim

CAPÍTULO XXVII

FUNERAIS SEM POMPA

Não (têm) usam nenhuma (vaidade) pompa nos enterros: incineram os corpos dos varões ilustres(1) com certo lenho. E não lançam à fogueira nem vestes nem perfumes: só queimam nela as armas do morto, e algumas vezes o cavalo.

Erigem a sepultura de relvas (céspides): desprezam a vanglória do lavor dos monumentos como coisa grave e molesta aos defuntos. Deixam bens as lágrimas e os prantos, e tardiamente a dor e a tristeza. O pranto (é honesto) convém às mulheres e a recordação aos homens.(2)

* * *

Isto é o que em geral aprendemos da origem e dos costumes entre todos os germanos: agora faremos referência aos ritos institucionais de cada povo, e em que diferem uns dos outros, e assim também as nações que da Germânia passaram (imigraram) às Gálias.

Latim

CAPÍTULO XXVIII

GAULESES NA GERMÂNIA

GERMÂNICOS NA GÁLIA

O divino Júlio (Cesar) o mais eminente autor refere que o poder dos Galos fora maior nos tempos antigos; e assim parece verosímil, que eles (gauleses) tenham passado também para a Germânia. Porque muito pequeno era o obstáculo de um simples rio para que a nação, segundo ia prevalecendo (fortalecendo), não deixasse suas terras por outras, que eram comuns a todos e ainda indivisas? De maneira que os Helvetios(1) tiveram todas as compreendidas entre a floresta Hercínia e os rios Reno e Meno;(2) posteriormente os Boios, passaram mais adiante entre ambos povos da Gália. Resta ainda o nome de um lugar chamado Boiano (Boêmia), e significa recordação daquele povo (habitantes).

Não se sabe ao certo se os Araviscos,(3) separando-se dos Osos — (nação Germânica) passaram à Panônia ou os Osos para se apartarem dos Araviscos vieram à Germânia (imigraram) pois ainda usam a mesma linguagem, leis (instuições) e costumes; porque sendo antigamente uns e outros tão pobres quão livres tinham (eram) os mesmos bens e males entre ambas as margens.

Os Treviros(4) e Nérvios(5) pretendem descender dos Germânicos (origem Germânica), como se por essa

honrosa descendência não se semelhassem em frouxidão (inépcia) aos Gauleses. Não há duvidar que os povos que habitam as margens do Reno são Germânicos, como os Vangiões,(6) os Tribocos,(7) os Nemetos.(8)

Os Úbios(9) ainda que mereceram ser colônia dos romanos preferem que os chamem Agripinenses, de nome de seu fundador, coram (envergonham) de sua origem, porque tendo se apossado desta parte foram conservados para experiência de sua fidelidade sobre a mesma margem para que a defendessem e não para serem vigiados (prisioneiros).

Latim

CAPÍTULO XXIX

BATAVOS, MATIACOS- CAMPOS

Os Batavos(1) são os mais valorosos de todos esses povos, possuem pouca terra à margem do Reno porém ocupam (habitam) uma ilha; em tempos passados foram dos Catos, e por certa revolta interna vieram para estas (terras) plagas, para se sujeitarem ao domínio romano. Restou-lhes a honra e o testemunho da antiga aliança; não são molestados por tributos nem vexados com os impostos: pois para deles se servirem na guerra deixam-nos de reserva como armas e dardos.

Concedem os mesmos favores (obséquio) ao povo Matíaco;(2) porque a grandeza (reverência) (domínio) do povo romano chegou a estender-se além do Reno, e além dos antigos limites a magnificência dos Romanos. E assim ainda que vivam e habitem a sua margem estão por espírito e vontade conosco; quanto ao mais se parecem aos Bátavos, a não ser que recebem ainda da sua própria terra e clima a sua crueldade (o seu aspecto acre) (aspereza).

Não contarem entre os povos da Germânia, mesmo que fiquem estabelecidos além do Reno e do Danúbio, os que cultivam os campos Decumates:(3) a gente mais leviana dos Gauleses, cuja pobreza (incitava) exaltava o atrevimento, ocuparam estas terras de propriedade incerta; depois invadiram nossos limites e elevando mais

adiante a administração (guarnições) se acham em meio do império como parte de uma província.

Latim

CAPÍTULO XXX

OS CATOS

Pouco mais adiante habitam os Gatos desde os primórdios da floresta Hercinia,⁽¹⁾ não em lugares tão planos e extensos nem com tantos pântanos, como as outras (regiões) povos, com que se apresenta a Germânia, porque continuam pelas colinas, que se vão diminuindo aos poucos, e a floresta Hercinia segue (acompanha) sempre os Gatos até abandoná-los. Este povo é o mais robusto, seus membros mais reforçados, e têm o aspecto mais hirsuto o maior vigor de ânimo.

E como entre os Germânicos, são homens de muita inteligência e sagacidade: porque elegem para os cargos pessoa escolhida, obedecem a seus chefes e guardam seus postos, (compreendem) conhecem as ocasiões, diferem em ímpeto, aproveitando-se do dia, fortificam-se à noite; têm por fortuita (duvidosa) a fortuna e o valor por coisa segura o que é muito raro, e só a conseguem pela disciplina romana; fazem maior cabedal do comandante (chefe) que do exército.

Toda sua força consiste na infantaria, que sobrecarregam além das armas, de utensílios e (virtualhas) provisões: as outras pessoas perceber-se-ia vão ao combate, os Catos para a guerra. São raras as escaramuças e fortuito o combate. Porque coisa própria à cavalaria é preparar logo a vitória, e depois retirar-se: a velocidade denota temor, a dilação constância.

Latim

CAPÍTULO XXXI

AINDA OS CATOS

O que entre outros povos da Germânia é usado raras vezes, e por atrevimento de alguns, já está introduzido entre os Catos,(1) é o costume de deixar crescer o cabelo e a barba, quando se tornam adultos, e não deixar este hábito votivo, (preso) obrigando-se à coragem, até que tenham matado um inimigo. Então sobre o seu sangue despojos descobrem (reclamam-se) o rosto e pensam haver cumprido o tributo de seu nascimento e que se tornam merecedores da pátria e dos pais; os imbeles e covardes continuam repelentes (aspecto tenebroso).

Os mais valentes trazem o anel de ferro (coisa ignominiosa entre eles) qual vínculo a que não podem livrar-se, senão com o resgate da morte de um inimigo. A maior parte dos Catos aprecia esse hábito, e ainda que já estejam encanecidos são assinalados (apontados) aos seus e aos inimigos.

Eles são os que iniciam as batalhas; formam sempre a vanguarda, terríveis à vista; porque nem mesmo em tempo de paz serena o (aspecto) rosto (semblante).

Nenhum deles tem casa nem herdade e nem cuidado: onde chegam são respeitados, pródigos do bem alheio e menosprezadores do seu, até que a débil velhice os tornem incapazes para tão rude (dura) virtude.

CAPÍTULO XXXII USÍPIOS E TENTEROS

Os Usípios(1) e os Tenteros(2) estão mais próximos dos Catos e habitam a margem do Reno, que desliza (cupu alveo) tão amplo (fixo) que pode servir de limite. Os Tenteros além da reputação que alcançaram na guerra, levam grandes vantagens sobre todos os outros na disciplina equestre (cavalaria); nem menos estimada (louvada) entre os Tenteros é a sua cavalaria que a infantaria dos Catos.

Os seus antepassados legou-lhes o exemplo e os pósteros os imitam. Estes são os brincos infantís, a emulação dos mancebos: em que perseveram mesmo anciãos. Dão-lhes cavalos como parte da transmissão da herança: e não os recebem como a as outras coisas o primogênito, mas aquele que se mostre mais fero e pronto (melhor) para a guerra.

Latim

CAPÍTULO XXXIII

BRUTEROS

Os Bruteros(1) foram outrora (lindeiros) comarções dos Tenteros: mas agora segundo a narrativa ocuparam suas terras os Chamavos(2) e Angrivários,(3), depois de terem expulsado e destruído totalmente os Bruteros com o consentimento das nações circunvizinhas, ou por ódio que lhe votavam conseqüente de sua soberba ou pelo desejo (prazer) da presa ou por alguma mercê particular que foram servidos de fazer-nos os deuses; já que também não nos negaram o gosto de semelhante espetáculo.

Mais de sessenta mil pereceram não pelas armas e dardos romanos, porém coisa ainda mais gloriosa que é, para entretenimento e recreação de nossos olhos. Depreco aos deuses se não nos tiverem amor estas gentes, ao menos continuem a se odiarem, já que declinando o destino do Império, não pode a fortuna fazer-nos maior favor, do que com a discórdia (dissenção) de nossos inimigos.

Latim

CAPÍTULO XXXIV

ANGRIVÁRIOS. CHAMAVOS.

DULGIBINOS. CHASUAROS

Os Angrivários e Chamavos estão encerrados (fechados) pelos Francos os Dulgibinus(1) e Chasuares, (2) e pela frente pelos Frísios.(3) São denominados maiores ou menores Frísios, qual expressão do seu poderio.

Ambos os povos se estendem pelo Reno até o Oceano, compreendendo lagos imensos por onde já navegaram as frotas romanas. Porque além disso tentamos por aquela parte o próprio Oceano: e diz-se que ainda subsistem as colunas(4) de Hércules, ou seja porque tenha vindo Hércules a estas plagas ou porque todas as obras grandiosas (magníficas) que existam as atribuímos na conformidade de seu renome. Nem faltou intrepidez a Druso, mas o Oceano obstou se colhessem informações ao mesmo tempo a respeito dele e de Hércules.

Depois ninguém mais tentou e pareceu mais sagrado e reverente acreditar nas maravilhas dos deuses do que (esclarecê-las) penetrá-las.

Latim

CAPÍTULO XXXV

CHAUCOS E FRÍSIOS

Até aqui foi o que desvendamos da Germânia pelo Ocidente; remonta por uma grande flexão (curva) até o Setentrião. Os Chaucos(1) mesmo que sejam os primeiros na terra dos Frísios e ocupem uma parte do litoral, contornam todas as nações que nomeei, até que dão volta para os Catos.

Não só possuem os Chaucos (tão) imenso espaço de terra mas também ocupam-na toda, e esta é a nação mais nobre entre todos os Germanos e a que preza melhor conservar sua grandeza pela justiça. Vivem quietos, retirados, sem (rispidez) avidez, não provocam guerra, nem praticam rapina e latrocínios.

E o que constitui o maior argumento de sua virtude e valor, é que chegaram sem fazer injúria a ninguém a ser superiores a todos; estão sempre prontos para a guerra e se fora de mistér seguirão com um exército, porque possuem elevado número de homens e de cavalos; e não é menor a sua reputação na paz.

Latim

CAPÍTULO XXXVI CHERUSCOS E FOSOS

Ao lado dos Chaucos e Catos habitam os Cheruscos (1) os quais como não eram atacados gozaram de ociosa e demasiada paz: e isto com mais gosto (alegria) do que segurança (prudência), porque muito enganado vive (aquele) o que se persuade que deverá restar (permanecer) tranqüilo entre poderosos e insolentes: porque onde tudo se deva levar pelas armas, são a (equidade) justiça e a modéstia os nomes dos mais fortes.

E assim os Cheruscos que deviam ser homens bons e justos, são agora chamados covardes e estultos; e a boa sorte (fortuna) dos Catos vitoriosos tornou-os considerados e sábios. Atingiu também à ruína dos Cheruscos os Fosos,(2) povo vizinho, seus (associados) companheiros na adversidade, não havendo participado da sua prosperidade.

Latim

CAPÍTULO XXXVII

GLÓRIA INSIGNE AO

RENOME DOS CÍMBRIOS

Os Cimbrios(1) estão naquele mesmo golfo da Germânia próximos ao Oceano, e habitam agora uma cidade pequena, porém de grande glória. Os seus vestígios subsistem ainda, e em ambas as margens há vastos acampamentos e espaço, por cujo âmbito pode medir-se a grandeza e poderio desse povo e crer na fidelidade desse imenso exército. Havia seiscentos e quarenta anos estava fundada a nossa cidade, quando se ouviu falar pela primeira vez das armas dos Cimbrios sob o consulado de Cecílio Metelo e Papirio Carbão e se desde então computarmos até o segundo Consulado do imperador Trajano, acharemos pouco mais de duzentos e dez anos: tanto há que andamos a conquistar a Germânia. E entre espaço tão grande de tempo houve muitos revezes de parte a parte.

Nem os Samnitas, nem os Cartagineses, nem as Espanhas, nem as Gálias, nem ainda os Partos nos inquietaram tantas vezes: mais dura é de vencer a liberdade dos Germanos que o reino de Arsace.(2) Com o que não se poderá objetar o abatido Oriente, senão com a morte de Crasso, tendo perdido ele próprio o seu Pácoro, sob Ventídio?

Os Germanos porém, depois de terem desbaratado ou prendido Carbão e Cássio e Aurélio Scauro e Servílio

Scipião e Cneo Manéio arrebataram cinco cônsules ao povo Romano, tiraram também desde Varo a César três legiões; e não os venceram impunemente Caio Mário na Itália, e o divino Júlio nas Gálias, e Druso e Nero e Germânico em suas próprias terras; e depois de tudo isso ludibriaram as grandes ameaças de J. César.

Gozaram do ócio (paz), até que nossas discórdias e guerras civis lhes deram ocasião para depois de haverem destruído os alojamentos de inverno das legiões, entrar nas Gálias, de onde foram outra vez rechaçados e há pouco sujeitaram-se aos nossos triunfos como se tivessem sido vencidos.

Latim

CAPÍTULO XXXVIII

SUEVOS

Agora falaremos dos Suevos,(1) os quais não formam uma só nação, como os Catos e Tenteros; ocupam a maior parte da Germânia separados em nações próprias e de nomes diferentes, ainda que geralmente se chamem Suevos. Trazem para distingui-los o cabelo amarrado com um nó: porque assim se fazem conhecer os Suevos entre os Germânicos, e se diferenciam os nobres dos escravos (servos).

Entre outros povos usa-se pouco esse costume senão entre alguns que são aparentados com ao Suevos, ou fazem-no, como ordinariamente sucede, a sua imitação, enquanto são moços: mas os Suevos mesmo depois de encanecidos usam da mesma maneira, lançados sobre os ombros e muitas vezes prendem-no em cima da cabeça; os chefes trazem-nos como paramento.

E apenas nisto procuram parecer bem, mas inocentemente; pois não o fazem para amar ou serem amados, e deixam crescer até certa altura para atemorizar mais os inimigos na guerra, aos olhos do inimigo (a sua vista).

Latim

CAPÍTULO XXXIX

SEMNONES

Os Semnones(1) afirmam serem eles os mais antigos e nobres dos Suevos; a crença em sua vetustês está confirmada pela religião. Porque em certo tempo (fixado) do ano se reúnem por meio de seus embaixadores (legados) todos os povos do mesmo sangue em um bosque consagrado pelos Numes (Auguros) de seus pais, e por antiga superstição, e com o sacrifício público de um homem celebram os horríveis (primeiros) princípios de seus ritos bárbaros.

Cultuam também esse bosque com outra cerimônia: ninguém nele penetra senão amarrado, em sinal de inferioridade (dependência) para confessar com isto o poder divino. Se acaso cai, não se pode levantar: mas deverá arrastar-se (rolar) pelo chão. A superstição se funda na persuasão de que eles tiveram sua origem nesse lugar, e que aí reina o deus senhor de todas as criaturas a quem todas as coisas estão sujeitas e obedecem.

O que aumenta mais a autoridade e grandeza (fortuna) dos Semnones: possuem cem (povoados) cidades, e com o poder sobre elas se persuadem de que são a cabeça (capital) dos Suevos.

Latim

CAPÍTULO XL

LOMBARDOS E OS

ADORADORES DE HERTA

Quanto aos Lombardos(1) pouco são encarecidos: cercados de numerosas e valorosas nações, eles se mantêm em meio de combates. e quase periclitam. Os Reudignos(1-a) em seguida e os Avinhões(2) os Anglos(3) e os Varinos(4) e os Eudósos(5) e os Suardões(6) e os Nuitões(7) são defendidos pelos rios ou florestas. Nada de notável possuem em particular, ainda que em geral adorem Herta,(8) que significa a mãe Terra, que intervêm segundo acreditam nas coisas humanas e visita os povos.

Em uma ilha do Oceano há um bosque chamado Casto e há nele consagrada à deusa um carro coberto com um véu; apenas a um certo sacerdote é permitido tocá-lo. Ele sabe quando a deusa está em seu santuário e com profunda veneração (unção) a acompanha quando ela vai puxada por novilhos. Aqueles dias então são de alegria, estão em festas os lugares, quaisquer que a deusa considere dignos de sua vinda e visita (hospedagem).

Não vão à guerra, não pegam em armas; todo o ferro fica guardado (fechado); a paz e o repouso apenas são observados, então somente são amados, até que o mesmo sacerdote retorne ao santuário com a deusa, saciada da companhia dos mortais (homens).

Depois o veículo (carro), o véu e se quereis crer, a própria deusa, são lavados em um lago secreto; servem ao cerimonial escravos que ao depois o próprio lago consome (absorve). Do que um terror secreto e uma santa ignorância acerca da natureza do mistério que somente é desvendado aos que vão perecer (morrer).

Latim

CAPÍTULO XLI

HERMUNDUROS

E esta é realmente a parte dos Suevos que se estende mais internamente na Germânia: a cidade mais próxima de nós (irei seguir agora o Danúbio como pouco antes fiz com o Reno), é a dos Hermunduros,(1) povo fiel aos Romanos; e por isso são apenas eles entre todos os Germanos os que não negociam à margem do Reno, mas muito para o interior até a preclara colônia da província Rehcia.

Passam livremente por todas as partes sem guardas; e ainda que aos outros povos ostentamos nossas armas e acampamentos (exércitos) a eles, que não cobiçam, abrimos nossas casas e herdades. Na terra dos Hermunduros nasce o rio Albis(2) (Elba), rio célebre e conhecido antigamente: apenas agora lembrado.

Latim

CAPÍTULO XLII

NARISCOS. MARCOMANOS.

QUADOS

Próximos aos Hermunduros ficam os Nariscos (1) e depois os Marcomanos(2) e os Quados.(3) São mais estimados (apreciáveis) e mais poderosos os Marcomanos, e ganharam pelo valor a terra (país) que possuem, e expulsando dela os Boios.(4) Nem lhe são inferiores (degeneraram) os Nariscos e Quados. Está à fronteira da Germânia até onde a envolve o Danúbio.

Os Marcomanos e Quados através do tempo até nossos dias mantiveram reis de sua própria nação, da nobre estirpe (sangue) de Maroboduo(5) e de Tudro, agora toleram que os governem reis estrangeiros, ainda que esses reis não tenham mais poder sem que lhes emprestem a autoridade romana.

Raramente os ajudamos com as nossas armas, porém freqüentemente com dinheiro, sem o que nada valem.

Latim

CAPÍTULO XLIII

OUTROS POVOS

GERMÂNICOS

Ficam para atrás os Marsignos, os Gottinos,(1) os Búrios,(2) encerram a retaguarda dos Marcornanos e dos Quados. Dos quais os Marsignos e os Búrios nos costumes e linguagem lembram os Suevos;(3) pela língua galeusa que falam os Gottinos e pela Panônica dos Osos nota-se que não são Germânicos e sofrem tributos. Pagam (são impostos) tributos como estrangeiros, parte aos Sarmatas,(4) e parte aos Quados; e os Gottinos para maior afronta (vilipêndio) trabalham nas minas de ferro.

Todos estes povos ocupam poucas planícies, vivem em grandes florestas e pelos montes (serras). Divide ao meio a Suevia uma cadeia contínua de montanhas, e de outra parte há muitas outras nações, destas a que se estende mais ao longe é a dos Lígios, cujo nome está difundido entre muitas cidades. Bastará nomear as mais poderosas: os Árias,(5) os Helvecões,(6) os Manimos,(7) os Elísios,(8) os Naarvalos.(9) Entre os Naarvalos existe um silvedo (bosque) da antiga religião. Preside-a (religião) um sacerdote que anda vestido com traje de mulher, segundo a interpretação dos romanos os deuses são Castor e Pollux. Denomina-se a esta forte deidade Alces.(10)

Não há nenhuma imagem, nem resquício de superstição estrangeira; adoram-nos, entretanto, como

irmãos, como jovens.

Os Árias além do poder que têm superior a estes povos há pouco enumerados, são temíveis (insidiosos), e aumentam com artifício o seu fero aspecto, segundo as circunstâncias do momento: negros são os seus escudos, pintados seus corpos; escolhem as noites para os combates e pelo pavor e sombra do tenebroso exército infundem terror, nenhum inimigo resiste ao estranho e infernal aspecto: porque em todos os combates primeiramente são vencidos os olhos (pela visão).

Latim

CAPÍTULO XLIV OUTROS POVOS GERMÂNICOS

Além dos Ligios(1) os Gótões(2) são governados pelos reis, com um pouco mais de prestígio do que os outros povos da Germânia, sem prejuízo todavia da liberdade. Logo em seguida do lado do Oceano estão os Rúgios,(3) e os Lemóvios;(4) e todos estes povos trazem qual insígnia escudos redondos, gládios curtos e respeito (obediência) aos reis.

Deste lado há a cidade dos dois Suinões,(5) no mesmo Oceano, além das forças de terra e são poderosas as suas frotas. A forma dos navios é diferente, porque em ambas as extremidades da proa sempre prontas para abordar de frente. Não dirigem navios à vela nem unem aos flancos ordem de remos: mas deixam soltos os remos, como fazem em alguns rios; mudam-nos conforme a necessidade de qualquer dos lados. Há também entre eles o orgulho da opulência, e por isso apenas um impera (ordena), sem exceções, o não precário direito de ser obedecido.

Não conservam em comum as armas, como se dá entre outros Germanos, mas fechadas (guardadas) sob custódia, a cargo de um escravo, porque o Oceano impede os ataques súbitos dos inimigos; além disso uma multidão de gente com armas às mãos no ócio facilmente promete excessos; na verdade não é de utilidade aos reis

colocarem à frente de seus exércitos nem nobre, nem livre, nem mesmo liberto.

Latim

CAPÍTULO XLV

LITORAL DOS MARES

SUEVOS

Mais além dos Suinões há outro mar parado, que não faz movimento algum o qual acreditam cinge e cerca o orbe da terra, porque o último resplendor do sol quando se põe se prolonga ainda até que torna a levantar-se, de maneira a ofuscar as estrelas; além disso há a credulidade de que se ouve o ressoar do sol quando imerge no Oceano e se vêem figuras de cavalos e os raios da sua cabeça; até aqui é verdadeira a fama porque tão grande é o poder da natureza. Ao remontar-se porém às costas do mar Suévio encontramos os Estios,⁽¹⁾ com os mesmos costumes e leis (ritos) que os Suevos, ainda que a linguagem se pareça mais com a dos Bretões.

Adoram a mãe dos deuses. E como insígnia de sua religião (superstição) trazem figuras de javalis: porque isto lhes serve de arma e amparo (tutela) aos que (cultuam) reverenciam a deusa, mesmo entre os inimigos.

Raro é o uso do ferro, é mais freqüente o uso de bastões. Dispensam mais cuidado ao trigo e outros grãos e com mais paciência do que se poderia esperar da indolência comum aos Germânicos.

Além disso exploram também o mar. E são os únicos povos que depois colhem às praias o âmbar, a que

chamam *glesum*(*). Não cuidam de inquirir ou de saber o que seja, como bárbaros, (ignorantes) que são da natureza, nem como se engendra; e foi por muito tempo confundido com tudo que o mar vomita (arroja) até que nosso luxo lhe deu nome.

Não fazem nenhum uso (dele): trazem-no bruto (como o encontram) e recebem admirados o pagamento. Melhor porém se poderá conjecturar que é suco de alguma árvore, porque muitas vezes se vêem transluzir alguns animais terrestres e voláteis, que se enleando e endurecendo-se essa matéria ficaram metidos nela.

Sou de opinião de que há nas ilhas e terras do Ocidente, assim como nos afastados confins do Oriente, florestas mais férteis e bosques onde se produzem (distilam) o incenso e bálsamo, que espremido e derretido pelos raios de sol vizinho escorrem para o mar próximo, e pela violência dos ventos (tempestades) é impelido para as praias opostas.

Ao experimentar-se a natureza do âmbar, levando-o ao fogo, arde como o chá, produzindo uma chama oleosa e de forte odor; em seguida amolece como pez ou resina.

Os povos dos Sitões(2) confinam com os Suinões. Em tudo semelhantes só diferem deles em que os governam uma mulher: tanto degeneraram dos povos livres como dos escravos.

Latim

CAPÍTULO XLVI

FIM DA SUÉVIA. O MAIS É FABULOSO

Aqui se acaba a Suévia. Estou a hesitar (duvidar) se hei de descrevê-los entre os Germanos ou Sarmatas, os Peucinos e os Venedos(1) os Fenos,(2) mesmo porque os Peucinos(3) por alguns denominados Bastarnas em sua linguagem, a casa e morada, fazem (imitam) como os Germânicos.

Todos geralmente são sujos e preguiçosos em virtude da mistura dos casamentos mostram alguma coisa do aspecto horrível dos Sarmatas. Os Venedos participam muito dos seus costumes; porque erram pelos bosques e montes que se elevam entre os Peucinos, e como os Fenos são salteadores. Eles devem todavia de preferência ser considerados germânicos, porque constróem casas e trazem escudos e gostam de caminhar a pé: contrariamente dos Sarmatas que vivem em carro e a cavalo.

Os Fenos são sob todos os aspectos selvagens e miseráveis (paupérrimos): não têm armas, nem cavalos, nem casas; alimentam-se de ervas, vestem-se com peles, a terra é o seu leito: todo o seu recurso consiste nas flexas, que à falta de ferro armam com ossos pontudos. E com a mesma caça sustentam os homens e as mulheres; elas (as mulheres) os acompanham e pedem parte da presa.

As crianças não têm outro abrigo contra as feras e as chuvas senão refugiando-se em alguma choça de ramos: aí se recolhem os moços, aí se resguardam os velhos. Julgo entretanto que é maior felicidade isto, do que gemer e lavrar os campos, construir casas, aventurar-se entre a esperança e o temor dos bens próprios e dos alheios: vivem seguros contra os homens, seguros contra os deuses, e alcançaram coisa assás difícil: não terem necessidade nem mesmo de desejar.

O mais é fabuloso: como que os Helúsios(4) e os Oxiônes(5) têm o aspecto (cabeça e rosto) de homens, e os corpos e membros de feras (animais): assim deixarei de cuidar disto, como de coisa ainda não averiguada (legendária).

Latim

FIM

Notas

* – A Enciclopédia Britânica Vol. 21, 14.^a Ed., pg. 735. Der Grosse Brockhaus, Vol. 19, pg. 120. Brockhaus, Leipzig, 1334.

Capítulo I

(1) – Tácito apresenta diferentes nomes desse rio, nos *Anais*. Segundo Estrabão nasce ele no monte Adula, onde é denominado Etzel; para I. Villichio tem nascente em S. Gotardo, de duas fontes separadas uma da outra.

(2) – Nasce no monte Abnoda; é o Baar, no Ducado de Virtembergue; em germânico: Donace.

(3) – É a antiga Dácia, como acredita Estevão Broderitho, compreendendo toda a Transilvânia, a Valáquia e a Moldávia.

(4) – Antigo nome da montanha da Floresta Negra. Tácito fê-la a fonte do Danúbio, e os Romanos aí erigiram um templo à Diana Abnoba. Em Francônia se chama Steygewald; em outros lugares Spesshart; no Ducado de Virtembergue, Die Baar, segundo Ortélio, Hjunio e outros.

(5) – Ou Mar do Ponto. Os italianos o denominamde Mar Maior e os gregos Maurathalassa.

Capítulo II

(*) – Para os romanos indígena significava filhos da terra, natural do lugar, possivelmente *autoctones*

(1) – *Anais*: tradição histórica e escrita. Grande parte da extraordinária obra histórica de Tácito está compreendida em seus admiráveis *Anais*. Os romanos

denominavam *memória* à tradição oral. F. Doudinot de la Boissière.

(2) – Segundo Salomão Reinach conhecia Cesar apenas três deuses germânicos: o Sol, a Lua e Vulcano. Tácito, por sua vez, falando dos gauleses identifica os deuses germânicos ao Pantheon greco-romano. “O uso da semana em sete dias designado pelo nome dos planetas, era já conhecido no fim do segundo século, entre os romanos”. A terça-feira, Mardi dos franceses, *dies Martis*, já tornou-se Tuesday em inglês, (dia de Tiu ou Tues ou Tyr, o Março Germânico). Os deuses germânicos. Orpheus; Pág. 187.

(3) – Tuistoenem deu em alemão o nome *deutsch*, segundo Doudinot de la Boissière.

Era a personificação da raça humana: Manno, Mensch — deus das guerras, teve diferentes denominações, Wodan, Wustan, Odin, Odhin. Os latinos os comparavam aos deuses Mercúrio e Marte. Deus da masculinidade: dos homens, em alemão *mensch*; em inglês: *men*.

(4) – Sob o nome de Ingevões estão compreendidos os povos que habitavam o litoral no mar do Norte, a embocadura do Reno até o mar Báltico.

(5) – A par dos Ingevões, os Hermionos compreendiam todos os demais povos da Germânia.

(6) – Um dos povos mais antigos da Germânia. Ortélio coloca-os na Frisia, no lugar denominado Oetmarsen, quem poderá afirmar entretanto que esta nação através de tantas provações por que passou haja conservado esse nome?

(7) – Altamiro atribue a esse povo o nome da cidade de Cambrai, nos Países Baixos, na fronteira da França.

Hadriano Junio pertence aos que atribuem a esse nome a cidade de Hamburgo; Ortélio acredita em semelhante conjectura.

(8) – Nome que se tornou conhecido na Espanha, onde há reminiscências, com a Andaluzia. Crautzin diz que ocuparam antigamente a Boêmia, Polônia, Rússia e Dalmácia, com o que não concorda Pedro Nivemoncie. Na sua língua eles se denominam Winden ou Venden.

(9) – Diz Tolomeu que são os povos que habitavam entre os rios Mosa e Tabulda, antigo nome do Escalda, em cuja margem se acha situada Anvers. Tácito e Júlio Cesar afirmam serem os mesmos perigosíssimos. Floresceram ao tempo do imperador Diocleciano, segundo escreveu Flávio Vapisco. Villichio diz que a sua cidade mais antiga era Maistricht, destruída pelos hunos; foi reedificada e próximo a ela se acha Tomgeren, que conserva o antigo nome.

Capítulo III

(1) – *Barditi* — canto de guerra com os quais os gaulêses, bretões, irlandeses, escoceses, nas festas religiosas celebravam a glória dos deuses e os feitos dos heróis, excitando os guerreiros nos combates. Fingal e seu filho Ossean foram afamados bardos. Wagner celebra em o conselheiro Henrique Tanhäuser, o tipo do cantor bardo, *Minessinger*.

(2) – Há confusão na localização dessa cidade mencionada desde Tolomeu; Tomás Lódio assevera que é Aschburgo, afastada de Colônia e à margem do Reno. Altamiro pretende que seja Emmerich, enquanto Renano imagina que é Duisburgo.

(3) – Ptolomeu a denominou a Grande, que é a mesma região da atual Alemanha ou Deutschland ou

Teutschland. Suetônio dividiu-a em Superior e Inferior, alongando-se a Inferior para as Gálias.

(4) Para H. Junio é a Suévia. Os Rhétios estavam divididos em Superiores e Inferiores; a parte Inferior era na Baviera.

Capítulo IV

(1) – H. Villers, inspirado nos autores romanos opina que o povo germânico era composto de uma raça pura e sem mistura; assim entre milhares de indivíduos da raça germânica, não se reconhecia senão um único tipo, com os caracteres somáticos tão bem acentuados por Tácito.

(2) – A respeito do aspecto físico dos germânicos indicamos a interessante observação de F. Doudinot de la Boissière — Tacite. Oeuvres Choisis. Liv. Hatier. Paris 1932.

Capítulo V

(1) – Essa região, ao tempo dos romanos, era muito mais ampla do que atualmente é a nação francesa; compreendia também muitas províncias da Holanda, da Bélgica, e grande parte da Itália; Júlio Cesar, Plínio e outros descreveram as Gálias.

(2) – Marco Velsero, seguindo Ortélio, dizia que era região da Baviera, tendo ao Oriente a Panônia, ao Ocidente a Suévia, ao Sul a Itália, ao Setentrião o Danúbio. No seu Tesouro Geográfico Ortélio cuida amplamente da região.

(3) – Tolomeu e escritores a ele filiados dividem a região em Superior, compreendendo a Áustria, a Caríntia e Carélia, na Inferior todo o reino da Húngria. A. Ortélio, em seu Tesouro Geográfico, consigna esta divisão.

Capítulo VI

(1) – Tácito, nos seus *Anais*, enaltece a obra de Plínio, o Velho, considerando-o o maior escritor acerca da guerra entre os germânicos: “C. Plinium Germanicorum beliorum, scriptorem”.

(2) – “Sagum” era um capote de lã usado pelos soldados, preso aos ombros.

Capítulo VII

(1) – Antonio Piccarolo traduziu essa parte final elegantemente da seguinte maneira: “os feridos correm para junto das mães ou das esposas, que examinam e curam as feridas, e lhes preparam os alimentos que os encorajam”. A Guerra e a Paz na História. Os povos germânicos no pensamento de Cesar e Tácito. Pág. 123.

Capítulo VIII

(1) – Profetisa que no reinado do imperador Vespasiano sublevou a Batávia, na Gália do norte. Feita cativa em Roma figurou no triunfo de Domiciano.

(2) – Nome de uma profetisa germânica, que era, segundo Tácito, honrada qual divindade. P. Larousse — Grand Dictionnaire Univ. du XIX^{mè} Siècle. Tome Seizième. Pág. 258.

Capítulo IX

(1) – “Lucas” era para os Romanos o parque Sagrado, enquanto “nemus” é o artificial.

(2) – Ozanam em 1848 descreveu os cultos germânicos, sob uma visão católica; não existiam templos entre eles, eram adorados nas florestas. *Teusch* tinha o seu altar na floresta que tomou seu nome, Teutoburgensis Saltus; *Herta* era adorada em uma floresta da ilha de Rugen.

Capítulo X

(1) – Tácito foi o primeiro historiador que fez menção de sacerdotes entre os germânicos; nunca houve entretanto entre eles uma ordem sacerdotal da importância das que existiam entre os druidas na Gália; não obstante os sacerdotes germânicos eram os guardiões das insígnias militares da nação; presidiam as assembleias públicas e executavam sentenças capitais por elas pronunciadas; eram os únicos que tinham o poder de vergastar um homem livre.

(2) – Os germânicos auscultavam o futuro por meio de varas rúnicas: varas cortadas de árvore frutífera, nas quais eram inscritos caracteres misteriosos, além de outras formas de oráculos por eles invocados, citados aliás por Tácito. Runa, do germânico Rhüne, eram caracteres alfabéticos de seus antigos povos e dos escandinavos. Ver Brochhaus.

Capítulo XI

(1) – Acima de todos prevalecia a assembleia do povo composta de os homens livres.

(2) – O poder dos reis entre as tribos germânicas era menos limitado na Escandinávia. Júlio César denominou o rei Ariovisto chefe comum de todos os Suevos. A realeza era geralmente hereditária, e o rei era escolhido entre as famílias mais distintas como frisa Tácito.

Capítulo XII

(1) – Em caso de guerra, escolhia-se entre os mais bravos homens um cabo de guerra, com jurisdição sobre todos, obedecido, por dirigir o exército em combate, enquanto o rei permanecia à frente do povo. Convém examinar a

copiosa obra de Panckoucke-."Germanie"; "Traduit de Tacite, avec un nouveau commentaire". Paris 1824.

Capítulo XIII

(1) – Era nas assembleias do povo que se admitiam os jovens entre os demais membros da cidade, ao mesmo tempo que eram escolhidos os juizes dos cantões, que por sua vez eram assistidos por cem homens livres escolhidos entre o povo.

(2) – O chefe do bando era o guerreiro mais forte, caçador mais arrojado, e posteriormente seu filho e seu neto. A ele os Germânicos hipotecavam fidelidade por ocasião de solenes sacrifícios celebrados à sombra dos majestosos carvalhos, já muito antes de serem os chefes denominados reis ou duques. Emil Ludwig — Die Deutschen pág.18.

Capítulo XIV

(1) – Quando para a vitória algum chefe convida os mais valentes para um assalto, esses são os companheiros para a vitória, porque como explica Piccarolo "os que aderem ao convite são considerados mais valentes e, faltando à palavra dada, caem no desprezo e são chamados de covardes e traidores."

Capítulo XV

(1) – Depois da ocupação mais apreciável aos germânicos, a guerra, eles dedicavam particular interesse à arte cinegética: caçar para eles significava combater; era uma espécie de guerra, e as suas florestas escondiam entre os animais selvagens desde o lobo ao urso, javalis, uma espécie de vison e bois selvagens, assim como também grande quantidade de aves de presa

e falcões.

Capítulo XVI

(1) – As habitações entre os germânicos eram muito precárias, um fosso e muralha circundavam as casas construídas próximas à habitação do chefe: era a defesa contra o inimigo. Construídas de maneira rudimentar, não apresentavam a menor arte: postes talhados a machado, ligados pelos ramos de salgueiro e barreadas com argila e palha; sob o mesmo telhado abrigavam-se as pessoas e os animais, conjuntamente. Corresponde com a admirável tradução de Sir Williaín Peterson. Agrícola and Tácito. Harvard University Press. 1939.

Capítulo XVII

(1) – Nada tem a ver com os Phartas arsacidas, que conquistaram a Pérsia, no ano 256 A. C.

Capítulo XVIII

(1) – A pureza dos costumes dos germânicos, em grande parte, determinou a santidade de seus casamentos e a intimidade da vida em família, fato esse registado com verdadeira admiração pelo escritor romano que ora traduzimos.

Capítulo XIX

(1) – A respeito da pudicícia de que os germânicos sempre fizeram grande estimação, escreve Piccarolo que eles porfiavam em se manterem puros por muito tempo, “abstendo-se de toda relação sexual. Uma das coisas mais feias e reprováveis para eles é ter relação com mulheres antes dos vinte anos.”

Capítulo XX

(1) – Vislumbram os escritores na sobriedade da vida familiar germânica essa grande veneração que eles diapiensavam às mulheres virtuosas: não usavam outros adornos que a sua longa cabeleira loira, e esplendiam no frescor da pele rosada; traziam apenas as suas vestes de lã presas à cintura por um cordão vermelho.

(2) – As crianças viviam quase nuas, de maneira que entre os outros povos, entorpecidos pela moleza, dificilmente vingavam seus filhos nos primeiros anos; causava admiração que os germânicos fizessem crescer as crianças, com magnífica saúde, sem berços e sem agasalhos. Desde o seu nascimento eram resguardadas como criaturas livres e portadoras de direitos. Não se encontra entre os germanos nenhum traço do poder absoluto e despótico, como entre os romanos o Pater Potestas.

Capítulo XXI

(1) – Entre povo algum na antigüidade a hospitalidade foi mais largamente exercida como entre os germânicos; o hóspede era recebido onde quer que fosse e com ele o dono da casa repartia as suas provisões. Prática tão adiantada poderia ter influenciado espíritos de escol como J. Del Vicchio, quando escreveu o seu admirável estudo acerca da “L’Evoluzione dell’Ospitalità”. “Hospes, hotes” — *estrangeiro*, inimigo, aforisma romano que traduz claramente o espírito inamistoso que presidia as relações entre povos de pátrias diferentes, na antigüidade, a esse respeito consulte-se o nosso trabalho “Curso de Direito consular” — 1a. parte “Fontes e Histórico”. Edição Cultura” — 1938.

Capítulo XXII

(1) – Como bem recorda Périgot, freqüentemente nos banquetes é que os germânicos deliberavam acerca dos mais importantes negócios.

Capítulo XXIII

(1) – Com a cevada e a aveia eles faziam uma espécie de cerveja, muito apreciada, além do hidromel, outra bebida feita com água e mel. A principal alimentação dos germânicos era a carne.

Capítulo XXIV

(1) – Desde a infância eles enrijecem seus corpos com todas as espécies de exercícios; lavavam-se com água fria em qualquer estação do ano, e mesmo os recém-nascidos eram banhados em água fria, segundo a tradição de escritores antigos, muito embora Tácito se referia à *saepius calida*, cap. XXIII.

Capítulo XXV

(1) – Não obstante fossem os escravos considerados indignos de trazerem armas, privilégio dos homens livres, a sua vida entretanto era suportável, e seus filhos cresciam, sem qualquer distinção, com os filhos de seus senhores, o que produzia sólida união entre eles.

(2) – Acentua bem Dumesnil que “libertino” — libertino é filho do liberto, isto é forro, segundo comentou Eduardo da Silva Chaves.

Capítulo XXVI

(1) – Os germânicos jamais trocariam o prazer da guerra pela agricultura. Amavam todavia, a natureza e

sobretudo a vida livre do campo; não construíam cidades porque as consideravam prisões. Os historiadores romanos se referem às íntimas cidades que afinal nada mais eram do que as habitações dos chefes. Larousse. Op. cit. Tomo VIII. Pág. 1221.

Capítulo XXVII

(1) – Assim como também os corpos dos guerreiros valorosos. Brockhaus.

(2) – Tácito neste capítulo escreveu admiráveis ironias; o seu estilo é nascido de sátiras e epigramas.

Capítulo XXVIII

(1) – São os Esguiçaros ou Suíços. Esta nação das Gálias ocupa ainda a mesma região por Tácito assinalada. Está muito afastada entretanto do rio Meno; a antiga Heivetia era muito maior do que a atual Suíça.

(2) – É o atual Mein, em português Meno. Ortélio evidencia a pouca diferença das regiões ribeirinhas, e regista sua passagem por Francfort e pela Francônia.

(3) – Já referidos por Plínio; habitavam antigamente as margens do Danúbio; Tolomeu localiza-os na Panônia Inferior ou Hungria; para Villichio poderiam ser os habitantes de Rab ou Stigônia.

(4) – Da cidade situada à margem do Mosela; é Trier, sede do arcebispado que fornecia um dos Eleitores ao Império.

(5) – Nação da Gália Belga; para Becano são os de Andenarde, cidade do condado de Flandres; opina porém Marliano que são de Dornick ou Tournay da mesma província.

(6) – Querem os autores que sejam de Worms, mas Pyrchainero pretende sejam de Speir ou Spira.

(7) – São os da Alsácia e Strasburgo, segundo Pyrâmio e Renano.

(8) – Para Ortélio são da Spira.

(9) – Nome antigo: Os Úbios, posteriormente tomaram o nome de Agripa, que, segundo Estrabão, fez passar os Úbios para além do Reno. Opina Tácito, no Livro XII dos Anais, que este nome proveio de Agripina Augusta, sobrinha e mulher do imperador Cláudio. Atualmente é a cidade de Colônia, em alemão Koeln.

Capítulo XXIX

(1) – Tácito faz menção dos Bâtavos nos livros IV e V de suas Histórias e também nos Anais: estendem-se para a ilha da Holanda, porque na antiga Batávia estava compreendida também o bispado de Utreeht, conforme Villichio, e parte da província de Gelders.

(2) – Ortélio, Hadriano Janio, Meire e outros, convêm que são da Zeelândia.

(3) – Agri Decumates ou Campos dos Dízimos. Villichio diz que são uma parte do ducado de Vitembergue. Para S Lipsio não há nenhum lugar certo para localizá-los, porque acha ele que eram todas as terras que pagavam dízimos com seus frutos. Cicero, aliás, denomina “decumanus ager”, todas as terras sujeitas ao dízimo.

Capítulo XXX

(1) – Muitos foram os escritores antigos que se referiram a essa célebre floresta, e em particular Cesar, no livro VI do “De Bello Gallico”. Pompônio esclarece que em viagem, para atravessá-la, levava-se sessenta dias. Hoje está muito diferente do que era na antigüidade, e tem vários nomes, segundo as regiões, como Steygerwalt, Westerwalt, Schwartzwalt, Spesxart, Aufftden, Hartz,

Thuringerwalt, Bchemerwalt.

Capítulo XXXI

(1) – Hadriano Junio, Giorgio Fabrício e Abraão Ortélio afirmam que são da Hássia; mas Villichio opina que são de Heilprun, Heildeberg, e de outras terras além, até os Esquiçaros.

Capítulo XXXII

(1) – Tácito situa-os próximo ao Reno; Villichio considera-os de Cobeltns (Coblença).

(2) – Descreveu-os Villichio como os habitantes de Hássia e parte da Francônia, o que está mais de acordo com Tácito. Para Hadriano Junio são de Drent.

Capítulo XXXIII

(1) – São os habitantes de Munster e Westfália até Ofenburgo, segundo Villichio e também de Adriano Júnior; habitaram a margem do rio Lipa. Cornélio Kempa afirma serem agora os habitantes de Brockanesland, na Frísia Oriental.

(2) – Para Tolomeu este povo habitava entre o Albis e o monte Meliboco; (Mísnia Hardtwalt), e segundo Villichio são da mesma província. Há quem julgue que legaram o nome à Campen, na província de Overijssel.

(3) – No Mapa da Antiga Germânia de Ortélio os encontramos entre os rios Visurgis e Albis. Afirma entretanto Altamiro que são os habitantes de Engern, antigo nome de Tangermunt, na Antiga Marca. Villichio refuta esta opinião.

Capítulo XXXIV

(1) – Para Villichio são de Halbestadt, de Brunsvick e

Hildesheim. Segundo Altamiro são de Goettinghen e parte da Vestfália.

(2) – No entender de Altamiro são da Hungria, e legaram o nome de Cassel.

(3) – Estão divididos em Frísios Orientais e Frísios Ocidentais.

(4) – Comenta com erudição Silva Chaves: “Essas colunas de que fala Tácito, eram provavelmente as duas extremidades da ilha Scandia (hoje Escandinávia) e a Zelândia. A frota de Druso teria avançado para fazer descobrimentos, até a Jutlandia”; op. cit. pág. 78.

Capítulo XXXV

(1) – Ptolomeu divide-os em Maiores e Menores. Para Villichio são os habitantes de Groningen, na Frísia; os Maiores são de Bremen, Luchemburgo até Hamburgo. Tolomeu é de opinião de que os Menores habitavam entre os rios Embs e Vesper, e que atualmente são os povos da Frísia Oriental.

Capítulo XXXVI

(1) – Habitavam junto ao Albis, no entender de Tolomeu. Vários escritores situam-nos junto aos rios Sal e Albis, no lugar denominado Zerbst, ligando-os ainda à parte da Turíngia. Para Abraão Ortélio são de Mansfeldt; para Adriano Junio, os de Luxemburgo.

(2) – São os habitantes de Thietmarsia.

Capítulo XXXVII

(1) – Consagrados autores descreveram esta nação, e dos prejuízos que causaram aos romanos, quando finalmente foram vencidos por Caio Mário; há completa referência de Floro, E mesmo que Tácito informe que ao

seu tempo era mesquinho povoado, ampliou-se mais tarde de tal forma que compreendia todas as terras entre Lübeck, Hamburgo, Ivislandt, Holstein e Schleswig até o Scage. Para A. Ortélio se denominava outrora Cherconeso Címbrica.

(2) – Fundador da dinastia dos arsasides.

Capítulo XXXVIII

(1) – Grande parte da antiga Germânia era ocupada por esse povo, como aliás evidenciou Tácito, Estrabão, Tolomeu e outros escritores. O mesmo Tácito e Eutrópio denominavam “Legião” a extensão territorial compreendida pelos povos da nação Sueva; Tolomeu aponta entre eles os Semnones e Angilos ou Anglos. Estrabão refere-se aos Calduros, enquanto Orozio cita 54 nações. Atualmente estão estabelecidos na outra parte do Danúbio, na referida “Legião”; consoante Villichio, também era compreendido entre os Suevos os Vindélicos e alguns dos povos Rhéticos, também chamados Suevos. Legaram o seu nome ao mar Suévico.

Capítulo XXXIX

(1) – Nobilíssima nação dos Suevos, localizadas próximas ao rio Albis; consoante Villichio ficam situados os Suevos em Ravelbergue, Ratenaw e Brandemburgo, e nos confins da Saxônia.

Capítulo XL

(1) – Villichio coloca-os em Madenburgo e Halberstadt; antigamente constituía uma parte dos Suevos, depois entraram na Itália, dirigidos pelo seu chefe Aboino e ocuparam toda a Insúbria, atualmente Milão; o nome de Lombardia tornou-se extensivo à região, em 588,

segundo Paulo Emílio, ou 579 conforme Blondo: reinavam na região, quando Carlos Magno venceu o seu rei Desidério.

(1-a) – Altamiro coloca-os na Holsatia.

(2) – Altamiro louvado em Rhenano, diz que são os habitantes da Holsatia, o que é contestado por Villichio.

(3) – Parte dos Suevos, que chamados em auxílio pelos Britânicos contra os Scotos e Pictas, ocuparam depois toda a ilha Britânica. Seu primeiro rei foi Egberto, no ano 97D.C.

(4) – Habitantes da Nova Marca (Neuwe Marckt); Altamiro pensa ser a cidade de Warmia ou Frawenstat, na Prússia.

(5) – Para Altamirano são da Nusina. Ortélio consigna esse povo no seu Mapa da Antiga Germânia; entende no entanto Villichio que são os habitantes dos confins da Pomerânia.

(6) – Para Altamiro são os de Mísnia; Villichio situa-os nos confins da Holsátia e Pomerânia.

(7) – Rhenano propende a acreditar ser a terra de Nuithalandt, que é a dos Esquicavos; Tolomeu os denomina Gythones e os coloca muito longe.

(8) – Deusa Nerthus de Schleswig, significa a subterrânea. Tácito a identifica com a Terra Mãe. S. Reinach descreve a sua procissão com o caráter de uma festa agrária, destinada a secundar o despertar da natureza na primavera.

Capítulo XLI

(1) – Villichio diz que são parte da Boêmia, e parte da Mísnia.

(2) – Rio assás conhecido entre os escritores antigos, especialmente referido por Tolomeu e Sêneca; os alemães

o denominam Elba; os boêmios Labe, nome este proveniente do número de suas onze fontes, ou de tantos rios que nele desaguam. O Elba para os alemães significa onze. Nasce em Risenbergue, montanha da Boêmia.

Capítulo XLII

(1) – Segundo Giorgio Fabrício, Villíchio e Cuneo são de Voitlândia.

(2) – Villíchio coloca-os na Morávia, desde Olmuntz até a Posônia ou Presburgo, cidades situadas às margens do Danúbio.

(3) – Para alguns escritores são da Áustria; Dubrávio entretanto coloca-os na Silésia, enquanto Villíchio na Morávia inferior perto de Iengerndorff e parte da Silésia.

(4) – São provenientes das Gálias, atravessaram o Danúbio e penetraram a Germânia onde ocuparam a Baviera. Legaram o seu nome à Boêmia, no entender de Ortélio e outros.

(5) – Trânsfuga que igualmente como outros chefes como Catualdo se refugiaram em Roma, e possivelmente ministraram a Tácito preciosos informes acerca dos germanos.

Capítulo XLIII

(1) – Villíchio se contrapõe à opinião de Altamiro de que os Marsignos aludidos por Tácito são os Marsignos de Tolomeu, deveriam ter ocupado parte da atual Silésia.

(2) – O escritor Lazio situa-os em Gottenbergue, cidade da Boêmia, onde há parcas minas de prata.

(3) – É muito provável que esteja certo Villíchio ao colocá-los à margem setentrional, enquanto os Araviscos se encontravam à superior, compreendendo parte da

Morávia, Presburgo e as terras situadas entre os rios Grã e Wage.

(4) – Giorgio Brum acompanhando Renzônio diz que habitaram a ilha de Bernholm, no mar da Suévia. Cristovão Pyrâmio, coloca-os na Silésia, mais concorde aliás com Tácito.

(5) – Ver Capítulo XXXVIII.

(6) – Telêmaco os divide em europeus e asiáticos; para Ortélio a européia é a Rússia e a asiática a Tartária; Tácito engloba na européia a Polônia.

(7) – Povo dos Lígios consoante Tácito. São da Silésia. Villichio coloca-os em Ar, ilha da Dinamarca, onde há lembrança desse nome.

(8) – Pertenciam a uma parte dos Lígios na Silésia; Ortélio coloca-os próximos ao rio Oder.

(9) – Lagio situa-os em Mamharczpergue, entre a Floresta Hercínia e o Danúbio. Helúsios ou Heleviones, tomo os denomina Plínio; são segundo Altamiro os povos de Bornholm, ilha do mar Báltico; segundo Villichio da ilha de Heil.

No seu Mapa da Antiga Germânia, Ortélio afasta-os do rio Odera (Oder); na Nova Marca e confins da Pomerânia.

(10) – Ao nome que Tácito dá aos Dioscursos germânicos, Alces, como pretende S. Reinach, é ainda hoje inexplicável.

Capítulo XLIV

(1) – É objeto de menção no livro XII dos Anais de Tácito. Villichio situa-os na Silésia.

(2) – Segundo Ptolomeu habitavam a Ulterior ou Oriental margem do Vístula; os habitantes da região denominam

o rio de Wixel, onde está situada atualmente a cidade de Lentz, como pensa Villichio; não se poderá afirmar serem os Godos referidos pelos nossos escritores cujo nome ainda persiste na ilha de Gothland.

(3) – Villichio e Altamiro consideram-nos de Rugenlandt, ilha do mar Báltico.

(4) – Na opinião de Villichio são da Pomerânia Inferior, das cidades de Stolp, Laumpraz e Colbergue; Cuneo acredita que são de Lisland.

(5) – Habitavam as ilhas do mar Báltico em frente à Pomerânia.

Capítulo XLV

(1) – São da Prússia; segundo Tácito recolham o âmbar; atualmente os alemães os denominam de Augstein, e os da Prússia Pernstein.

(*) – Em alemão “glesse”, em inglês “glas” = vidro. Claudiano escrevia: “In celsas curgunt electra columnas”. *Electron dos antigos*.

(2) – São os habitantes da Finlândia, segundo Villichio.

Capítulo XLVI

(1) – Villichio situa-os entre os rios Vístula e Kronos (Wixeli e Memel) onde está situada a cidade de Koenigsbergue.

(2) – Segundo Altamiro são da Prússia e confins.

(3) – Ocupavam a Polônia, na opinião de Villichio.

(4) – Povo misturado aos Lígios.

(5) – São pouco conhecidos; não há menção dos mesmos nas terras do Norte. São muito parcas as referências de Tácito.

P. CORNELI TACITI DE ORIGINE ET SITV GERMANORVM

[1] Germania omnis a Gallis Raetisque et Pannoniis Rheno et Danuvio fluminibus, a Sarmatis Dacisque mutuo metu aut montibus separatur: cetera Oceanus ambit, latos sinus et insularum inmensa spatia complectens, nuper cognitis quibusdam gentibus ac regibus, quos bellum aperuit. Rhenus, Raeticarum Alpium inaccessio ac praecipiti vertice ortus, modico flexu in occidentem versus septentrionali Oceano miscetur. Danuvius molli et clementer edito montis Abnobaie iugo effusus pluris populos adit, donec in Ponticum mare sex meatibus erumpat: septimum os paludibus hauritur.

[Português]

[2] Ipsos Germanos indigenas crediderim minimeque aliarum gentium adventibus et hospitibus mixtos, quia nec terra olim, sed classibus advehebantur qui mutare sedes quaerebant, et inmensus ultra utque sic dixerim adversus Oceanus raris ab orbe nostro navibus aditur. Quis porro, praeter periculum horridi et ignoti maris, Asia aut Africa aut Italia relictas Germaniam peteret, informem terris, asperam caelo, tristem cultu adspectuque, nisi si patria sit?

Celebrant carminibus antiquis, quod unum apud illos memoriae et annalium genus est, Tuistonem deum terra

editum. Ei filium Mannum, originem gentis conditoremque, Manno tris filios adsignant, e quorum nominibus proximi Oceano Ingaevones, medii Herminones, ceteri Istaevones vocentur. Quidam, ut in licentia vetustatis, pluris deo ortos plurisque gentis appellationes, Marsos Gambrivios Suebos Vandilios adfirmant, eaque vera et antiqua nomina. Ceterum Germaniae vocabulum recens et nuper additum, quoniam qui primi Rhenum transgressi Gallos expulerint ac nunc Tungri, tunc Germani vocati sint: ita nationis nomen, non gentis evaluisse paulatim, ut omnes primum a victore ob metum, mox etiam a se ipsis, invento nomine Germani vocarentur.

[Português]

[3] Fuisse apud eos et Herculem memorant, primumque omnium virorum fortium ituri in proelia canunt. Sunt illis haec quoque carmina, quorum relatu, quem barditum vocant, accendunt animos futuraeque pugnae fortunam ipso cantu augurantur. Terrent enim trepidantve, prout sonuit acies, nec tam vocis ille quam virtutis concentus videtur. Adfectatur praecipue asperitas soni et fractum murmur, obiectis ad os scutis, quo plenior et gravior vox percussu intumescat. Ceterum et Ulixen quidam opinantur longo illo et fabuloso errore in hunc Oceanum delatum adisse Germaniae terras, Asciburgiumque, quod in ripa Rheni situm hodieque incolitur, ab illo constitutum nominatumque; aram quin etiam Ulixi consecratam, adiecto Laertae patris nomine, eodem loco olim repertam, monumentaque et tumulos quosdam Graecis litteris inscriptos in confinio Germaniae Raetiaeque adhuc exstare. Quae neque confirmare argumentis

neque refellere in animo est: ex ingenio suo quisque demat vel addat fidem.

[Português]

[4] Ipse eorum opinionibus accedo, qui Germaniae populos nullis aliis aliarum nationum conubiis infectos propriam et sinceram et tantum sui similem gentem exstitisse arbitrantur. Unde habitus quoque corporum, tamquam in tanto hominum numero, idem omnibus: truces et caerulei oculi, rutilae comae, magna corpora et tantum ad impetum valida: laboris atque operum non eadem patientia, minimeque sitim aestumque tolerare, frigora atque inedia caelo solove adsueverunt.

[Português]

[5] Terra etsi aliquanto specie differt, in universum tamen aut silvis horrida aut paludibus foeda, umidior qua Gallias, ventosior qua Noricum ac Pannoniam adspicit; satis ferax, frugiferarum arborum inpatiens, pecorum fecunda, sed plerumque improcera. Ne armentis quidem suus honor aut gloria frontis: numero gaudent, eaeque solae et gratissimae opes sunt. Argentum et aurum propitiine an irati di negaverint dubito. Nec tamen adfirmaverim nullam Germaniae venam argentum aurumve gignere: quis enim scrutatus est? Possessione et usu haud perinde adficiuntur. Est videre apud illos argentea vasa, legatis et principibus eorum muneri data, non in alia vilitate quam quae humo finguntur; quamquam proximi ob usum commerciorum aurum et argentum in pretio habent formasque quasdam nostrae pecuniae adgnoscent atque eligunt. Interiores simplicius et antiquius permutatione mercium

utuntur. Pecuniam probant veterem et diu notam, serratos bigatosque. Argentum quoque magis quam aurum sequuntur, nulla adfectione animi, sed quia numerus argenteorum facilius usui est promiscua ac vilia mercantibus.

[Português]

[6] Ne ferrum quidem superest, sicut ex genere telorum colligitur. Rari gladiis aut maioribus lanceis utuntur: hastas vel ipsorum vocabulo frameas gerunt angusto et brevi ferro, sed ita acri et ad usum habili, ut eodem telo, prout ratio poscit, vel comminus vel eminus pugnent. Et eques quidem scuto frameaque contentus est; pedites et missilia spargunt, pluraque singuli, atque in immensum vibrant, nudi aut sagulo leves. Nulla cultus iactatio; scuta tantum lectissimis coloribus distinguunt. Paucis loricae, vix uni alterive cassis aut galea. Equi non forma, non velocitate conspicui. Sed nec variare gyros in morem nostrum docentur: in rectum aut uno flexu dextros agunt, ita coniuncto orbe, ut nemo posterior sit. In universum aestimanti plus penes peditem roboris; eoque mixti proeliantur, apta et congruente ad equestrem pugnam velocitate peditum, quos ex omni iuventute delectos ante aciem locant. Definitor et numerus; centeni ex singulis pagis sunt, idque ipsum inter suos vocantur, et quod primo numerus fuit, iam nomen et honor est. Acies per cuneos componitur. Cedere loco, dummodo rursus instes, consilii quam formidinis arbitrantur. Corpora suorum etiam in dubiis proeliis referunt. Scutum reliquisse praecipuum flagitium, nec aut sacris adesse aut concilium inire ignominioso fas; multique superstites bellorum infamiam laqueo finierunt.

[Português]

[7] Reges ex nobilitate, duces ex virtute sumunt. Nec regibus infinita aut libera potestas, et duces exemplo potius quam imperio, si prompti, si conspicui, si ante aciem agant, admiratione praesunt. Ceterum neque animadvertere neque vincere, ne verberare quidem nisi sacerdotibus permissum, non quasi in poenam nec ducis iussu, sed velut deo imperante, quem adesse bellantibus credunt. Effigiesque et signa quaedam detracta lucis in proelium ferunt; quodque praecipuum fortitudinis incitamentum est, non casus, nec fortuita conglobatio turmam aut cuneum facit, sed familiae et propinquitates; et in proximo pignora, unde feminarum ululatus audiri, unde vagitus infantium. Hi cuique sanctissimi testes, hi maximi laudatores. Ad matres, ad coniuges vulnera ferunt; nec illae numerare aut exigere plagas pavent, cibosque et hortamina pugnantibus gestant.

[Português]

[8] Memoriae proditur quasdam acies inclinatas iam et labantes a feminis restitutas constantia precum et obiectu pectorum et monstrata cominus captivitate, quam longe inpatientius feminarum suarum nomine timent, adeo ut efficacius obligentur animi civitatum, quibus inter obsides puellae quoque nobiles imperantur. Inesse quin etiam sanctum aliquid et providum putant, nec aut consilia earum aspernantur aut responsa neglegunt. Vidimus sub divo Vespasiano Veledam diu apud plerosque numinis loco habitam; sed et olim Albrunam et compluris alias venerati sunt, non adulatione nec tamquam facerent deas.

[Português]

[9] Deorum maxime Mercurium colunt, cui certis diebus humanis quoque hostiis litare fas habent. Herculem et Martem concessis animalibus placant. Pars Sueborum et Isidi sacrificat: unde causa et origo peregrino sacro, parum comperi, nisi quod signum ipsum in modum liburnae figuratum docet advectam religionem. Ceterum nec cohibere parietibus deos neque in ullam humani oris speciem adsimulare ex magnitudine caelestium arbitrantur: lucos ac nemora consecrant deorumque nominibus appellant secretum illud, quod sola reverentia vident.

[Português]

[10] Auspicia sortesque ut qui maxime observant: sortium consuetudo simplex. Virgam frugiferae arbori decisam in surculos amputant eosque notis quibusdam discretos super candidam vestem temere ac fortuito spargunt. Mox, si publice consultetur, sacerdos civitatis, sin privatim, ipse pater familiae, precatus deos caelumque suspiciens ter singulos tollit, sublato secundo impressam ante notam interpretatur. Si prohibuerunt, nulla de eadem re in eundem diem consultatio; sin permissum, auspicio adhuc fides exigitur. Et illud quidem etiam hic notum, avium voces volatusque interrogare; proprium gentis equorum quoque praesagia ac monitus experiri. Publice aluntur isdem nemoribus ac lucis, candidi et nullo mortali opere contacti; quos pressos sacro curru sacerdos ac rex vel princeps civitatis comitantur hinnitusque ac fremitus observant. Nec ulli auspicio maior fides, non solum apud plebem, sed apud procures, apud sacerdotes; se enim

ministros deorum, illos conscios putant. Est et alia observatio auspicioꝝ, qua gravium bellorum eventus explorant. Eius gentis, cum qua bellum est, captivum quoquo modo interceptum cum electo popularium suorum, patriis quemque armis, committunt: victoria huius vel illius pro praeiudicio accipitur.

[Português]

[11] De minoribus rebus principes consultant; de maioribus omnes, ita tamen, ut ea quoque, quorum penes plebem arbitrium est, apud principes pertractentur. Coeunt, nisi quid fortuitum et subitum incidit, certis diebus, cum aut incohatur luna aut impletur; nam agendis rebus hoc auspicatissimum initium credunt. Nec dierum numerum, ut nos, sed noctium computant. Sic constituunt, sic condicunt: nox ducere diem videtur. Illud ex libertate vitium, quod non simul nec ut iussi conveniunt, sed et alter et tertius dies cunctatione coeuntium absumitur. Ut turbae placuit, considunt armati. Silentium per sacerdotes, quibus tum et coercendi ius est, imperatur. Mox rex vel princeps, prout aetas cuique, prout nobilitas, prout decus bellorum, prout facundia est, audiuntur, auctoritate suadendi magis quam iubendi potestate. Si displicuit sententia, fremitu aspernantur; sin placuit, frameas concutiunt. Honoratissimum adsensus genus est armis laudare.

[Português]

[12] Licet apud concilium accusare quoque et discrimen capitis intendere. Distinctio poenarum ex delicto. Proditores et transfugas arboribus suspendunt, ignavos

et imbelles et corpore infames caeno ac palude, iniecta insuper crate, mergunt. Diversitas supplicii illuc respicit, tamquam scelera ostendi oporteat, dum puniuntur, flagitia abscondi. Sed et levioribus delictis pro modo poena: equorum pecorumque numero convicti multantur. Pars multae regi vel civitati, pars ipsi, qui vindicatur, vel propinquis eius exsolvitur. Eliguntur in isdem conciliis et principes, qui iura per pagos vicosque reddunt; centeni singulis ex plebe comites consilium simul et auctoritas adsunt.

[Português]

[13] Nihil autem neque publicae neque privatae rei nisi armati agunt. Sed arma sumere non ante cuiquam moris, quam civitas suffecturum probaverit. Tum in ipso concilio vel principum aliquis vel pater vel propinqui scuto frameaque iuvenem ornant: haec apud illos toga, hic primus iuventae honos; ante hoc domus pars videntur, mox rei publicae. Insignis nobilitas aut magna patrum merita principis dignationem etiam adulescentulis adsignant: ceteris robustioribus ac iam pridem probatis adgregantur, nec rubor inter comites adspici. Gradus quin etiam ipse comitatus habet, iudicio eius quem sectantur; magnaue et comitum aemulatio, quibus primus apud principem suum locus, et principum, cui plurimi et acerrimi comites. Haec dignitas, hae vires, magno semper et electorum iuvenum globo circumdari, in pace decus, in bello praesidium. Nec solum in sua gente cuique, sed apud finitimas quoque civitates id nomen, ea gloria est, si numero ac virtute comitatus emineat; expetuntur enim legationibus et muneribus ornantur et ipsa plerumque fama bella profligant.

[Português]

[14] Cum ventum in aciem, turpe principi virtute vinci, turpe comitatu virtutem principis non adaequare. Iam vero infame in omnem vitam ac probrosum superstitem principi suo ex acie recessisse. Illum defendere, tueri, sua quoque fortia facta gloriae eius adsignare praecipuum sacramentum est. Principes pro victoria pugnant, comites pro principe. Si civitas, in qua orti sunt, longa pace et otio torpeat, plerique nobilium adulescentium petunt ultro eas nationes, quae tum bellum aliquod gerunt, quia et ingrata genti quies et facilius inter ancipitia clarescunt magnumque comitatum non nisi vi belloque tueare; exigunt enim principis sui liberalitate illum bellatorem equum, illam cruentam victricemque frameam. Nam epulae et quamquam incompti, largi tamen apparatus pro stipendio cedunt. Materia munificentiae per bella et raptus. Nec arare terram aut exspectare annum tam facile persuaseris quam vocare hostem et vulnera mereri. Pigrum quin immo et iners videtur sudore acquirere quod possis sanguine parare.

[Português]

[15] Quotiens bella non ineunt, non multum venatibus, plus per otium transigunt, dediti somno ciboque, fortissimus quisque ac bellicosissimus nihil agens, delegata domus et penatium et agrorum cura feminis senibusque et infirmissimo cuique ex familia; ipsi hebent, mira diversitate naturae, cum idem homines sic ament inertiam et oderint quietem. Mos est civitatibus ultro ac viritim conferre principibus vel armentorum vel frugum, quod pro honore acceptum etiam necessitatibus

subvenit. Gaudent praecipue finitimarum gentium donis, quae non modo a singulis, sed et publice mittuntur, electi equi, magna arma, phalerae torquesque; iam et pecuniam accipere docuimus.

[Português]

[16] Nullas Germanorum populis urbes habitari satis notum est, ne pati quidem inter se iunctas sedes. Colunt discreti ac diversi, ut fons, ut campus, ut nemus placuit. Vicos locant non in nostrum morem conexis et cohaerentibus aedificiis: suam quisque domum spatio circumdat, sive adversus casus ignis remedium sive inscitia aedificandi. Ne caementorum quidem apud illos aut tegularum usus: materia ad omnia utuntur informi et citra speciem aut delectationem. Quaedam loca diligentius inlinunt terra ita pura ac splendente, ut picturam ac lineamenta colorum imitetur. Solent et subterraneos specus aperire eosque multo insuper fimo onerant, suffugium hiemis et receptaculum frugibus, quia rigorem frigorum eius modi loci molliunt, et si quando hostis advenit, aperta populatur, abdita autem et defossa aut ignorantur aut eo ipso fallunt, quod quaerenda sunt.

[Português]

[<>] Tegumen omnibus sagum fibula aut, si desit, spina consertum: cetera intecti totos dies iuxta focum atque ignem agunt. Locupletissimi veste distinguuntur, non fluitante, sicut Sarmatae ac Parthi, sed stricta et singulos artus exprimente. Gerunt et ferarum pelles, proximi ripae neglegenter, ultiores exquisitius, ut quibus nullus per commercia cultus. Eligunt feras et

detracta velamina spargunt maculis pellibusque beluarum, quas exterior Oceanus atque ignotum mare gignit. Nec alius feminis quam viris habitus, nisi quod feminae saepius lineis amictibus velantur eosque purpura variant, partemque vestitus superioris in manicas non extendunt, nudae brachia ac lacertos; sed et proxima pars pectoris patet.

[Português]

[18] Quamquam severa illic matrimonia, nec ullam morum partem magis laudaveris. Nam prope soli barbarorum singulis uxoribus contenti sunt, exceptis admodum paucis, qui non libidine, sed ob nobilitatem plurimis nuptiis ambiuntur. Dotem non uxor marito, sed uxori maritus offert. Intersunt parentes et propinqui ac munera probant, munera non ad delicias muliebres quaesita nec quibus nova nupta comatur, sed boves et frenatum equum et scutum cum framea gladioque. In haec munera uxor accipitur, atque in vicem ipsa armorum aliquid viro adfert: hoc maximum vinculum, haec arcana sacra, hos coniugales deos arbitrantur. Ne se mulier extra virtutum cogitationes extraque bellorum casus putet, ipsis incipientis matrimonii auspiciis admonetur venire se laborum periculorumque sociam, idem in pace, idem in proelio passuram ausuramque. Hoc iuncti boves, hoc paratus equus, hoc data arma denuntiant. Sic vivendum, sic pereundum: accipere se, quae liberis inviolata ac digna reddat, quae nurus accipiant, rursusque ad nepotes referantur.

[Português]

[19] Ergo saepta pudicitia agunt, nullis spectaculorum

inlecebris, nullis conviviorum inritationibus corruptae. Litterarum secreta viri pariter ac feminae ignorant. Paucissima in tam numerosa gente adulteria, quorum poena praesens et maritis permissa: abscisis crinibus nudatam coram propinquis expellit domo maritus ac per omnem vicum verbere agit; publicatae enim pudicitiae nulla venia: non forma, non aetate, non opibus maritum invenerit. Nemo enim illic vitia ridet, nec corrumpere et corrumpi saeculum vocatur. Melius quidem adhuc eae civitates, in quibus tantum virgines nubunt et eum spe votoque uxoris semel transigitur. Sic unum accipiunt maritum quo modo unum corpus unamque vitam, ne ulla cogitatio ultra, ne longior cupiditas, ne tamquam maritum, sed tamquam matrimonium ament. Numerum liberorum finire aut quemquam ex adgnatis necare flagitium habetur, plusque ibi boni mores valent quam alibi bonae leges.

[Português]

[20] In omni domo nudi ac sordidi in hos artus, in haec corpora, quae miramur, excrescunt. Sua quemque mater uberibus alit, nec ancillis ac nutricibus delegantur. Dominum ac servum nullis educationis deliciis dignoscas: inter eadem pecora, in eadem humo degunt, donec aetas separet ingenuos, virtus adgnoscat. Sera iuvenum venus, eoque inexhausta pubertas. Nec virgines festinantur; eadem iuventa, similis proceritas: pares validaeque miscentur, ac robora parentum liberi referunt. Sororum filiis idem apud avunculum qui ad patrem honor. Quidam sanctiorem artiolemque hunc nexum sanguinis arbitrantur et in accipiendis obsidibus magis exigunt, tamquam et animum firmitus et domum latius teneant. Heredes tamen successoresque sui

cuique liberi, et nullum testamentum. Si liberi non sunt, proximus gradus in possessione fratres, patru, avunculi. Quanto plus propinquorum, quanto maior adfinium numerus, tanto gratiosior senectus; nec ulla orbitatis pretia.

[Português]

[21] Suscipere tam inimicitias seu patris seu propinqui quam amicitias necesse est; nec implacabiles durant: luitur enim etiam homicidium certo armentorum ac pecorum numero recipitque satisfactionem universa domus, utiliter in publicum, quia periculosiores sunt inimicitiae iuxta libertatem.

Convictibus et hospitibus non alia gens effusius indulget. Quemcumque mortalium arcere tecto nefas habetur; pro fortuna quisque apparatis epulis excipit. Cum defecere, qui modo hospes fuerat, monstrator hospitii et comes; proximam domum non invitati adeunt. Nec interest: pari humanitate accipiuntur. Notum ignotumque quantum ad ius hospitis nemo discernit. Abeunti, si quid poposcerit, concedere moris; et poscendi in vicem eadem facilitas. Gaudent muneribus, sed nec data imputant nec acceptis obligantur: victus inter hospites comis.

[Português]

[22] Statim e somno, quem plerumque in diem extrahunt, lavantur, saepius calida, ut apud quos plurimum hiems occupat. Lauti cibum capiunt: separatae singulis sedes et sua cuique mensa. Tum ad negotia nec minus saepe ad convivia procedunt armati. Diem noctemque continuare potando nulli probrum.

Crebrae, ut inter vinolentos, rixae raro conviciis, saepius caede et vulneribus transiguntur. Sed et de reconciliandis in vicem inimicis et iungendis adfinitatibus et adsciscendis principibus, de pace denique ac bello plerumque in conviviis consultant, tamquam nullo magis tempore aut ad simplices cogitationes pateat animus aut ad magnas incalescat. Gens non astuta nec callida aperit adhuc secreta pectoris licentia ioci; ergo detecta et nuda omnium mens. Postera die retractatur, et salva utriusque temporis ratio est: deliberant, dum fingere nesciunt, constituunt, dum errare non possunt.

[Português]

[23] Potui umor ex hordeo aut frumento, in quandam similitudinem vini corruptus: proximi ripae et vinum mercantur. Cibi simplices, agrestia poma, recens fera aut lac concretum: sine apparatu, sine blandimentis expellunt famem. Adversus sitim non eadem temperantia. Si indulseris ebrietati suggerendo quantum concupiscunt, haud minus facile vitiis quam armis vincentur.

[Português]

[24] Genus spectaculorum unum atque in omni coetu idem. Nudi iuvenes, quibus id ludicrum est, inter gladios se atque infestas frameas saltu iaciunt. Exercitatio artem paravit, ars decorem, non in quaestum tamen aut mercedem: quamvis audacis lasciviae pretium est voluptas spectantium. Aleam, quod mirere, sobrii inter seria exercent, tanta lucrandi perdendive temeritate, ut, cum omnia defecerunt, extremo ac novissimo iactu de

libertate ac de corpore contendant. Victus voluntariam servitutem adit: quamvis iuvenior, quamvis robustior adligari se ac venire patitur. Ea est in re prava pervicacia; ipsi fidem vocant. Servos condicionis huius per commercia tradunt, ut se quoque pudore victoriae exsolvant.

[Português]

[25] Ceteris servis non in nostrum morem, descriptis per familiam ministeriis, utuntur: suam quisque sedem, suos penates regit. Frumenti modum dominus aut pecoris aut vestis ut colono iniungit, et servus hactenus paret: cetera domus officia uxor ac liberi exsequuntur. Verberare servum ac vinculis et opere coercere rarum: occidere solent, non disciplina et severitate, sed impetu et ira, ut inimicum, nisi quod impune est. Liberti non multum supra servos sunt, raro aliquod momentum in domo, numquam in civitate, exceptis dumtaxat iis gentibus quae regnantur. Ibi enim et super ingenuos et super nobiles ascendunt: apud ceteros impares libertini libertatis argumentum sunt.

[Português]

[26] Faenus agitare et in usuras extendere ignotum; ideoque magis servatur quam si vetitum esset. Agri pro numero cultorum ab universis in vices occupantur, quos mox inter se secundum dignationem partiuntur; facilitatem partiendi camporum spatia praestant, Arva per annos mutant, et superest ager. Nec enim cum ubertate et amplitudine soli labore contendunt, ut pomaria conserant et prata separent et hortos rigent: sola terrae seges imperatur. Unde annum quoque ipsum

non in totidem digerunt species: hiems et ver et aestas intellectum ac vocabula habent, autumnus perinde nomen ac bona ignorantur.

[Português]

[27] Funerum nulla ambitio: id solum observatur, ut corpora clarorum virorum certis lignis crementur. Struem rogi nec vestibus nec odoribus cumulant: sua cuique arma, quorundam igni et equus adicitur. Sepulcrum caespes erigit: monumentorum arduum et operosum honorem ut gravem defunctis aspernantur. Lamenta ac lacrimas cito, dolorem et tristitiam tarde ponunt. Feminis lugere honestum est, viris meminisse.

Haec in commune de omnium Germanorum origine ac moribus accepimus: nunc singularum gentium instituta ritusque, quatenus differant, quae nationes e Germania in Gallias commigraverint, expediam.

[Português]

[28] Validiores olim Gallorum res fuisse summus auctorum divus Iulius tradit; eoque credibile est etiam Gallos in Germaniam transgressos: quantum enim amnis obstabat quo minus, ut quaeque gens evaluerat, occuparet permutaretque sedes promiscuas adhuc et nulla regnorum potentia divisas? Igitur inter Hercyniam silvam Rhenumque et Moenum amnes Helvetii, ulteriora Boii, Gallica utraque gens, tenuere. Manet adhuc Boihaemi nomen significatque loci veterem memoriam quamvis mutatis cultoribus. Sed utrum Aravisci in Pannoniam ab Osis, Germanorum natione, an Osi ab Araviscis in Germaniam commigraverint, cum eodem

adhuc sermone institutis moribus utantur, incertum est, quia pari olim inopia ac libertate eadem utriusque ripae bona malaque erant. Treveri et Nervii circa adfectionem Germanicae originis ultro ambitiosi sunt, tamquam per hanc gloriam sanguinis a similitudine et inertia Gallorum separentur. Ipsam Rheni ripam haud dubie Germanorum populi colunt, Vangiones, Triboci, Nemetes. Ne Ubii quidem, quamquam Romana colonia esse meruerint ac libentius Agrippinenses conditoris sui nomine vocentur, origine erubescunt, transgressi olim et experimento fidei super ipsam Rheni ripam conlocati, ut arcerent, non ut custodirentur.

[Português]

[29] Omnium harum gentium virtute praecipui Batavi non multum ex ripa, sed insulam Rheni amnis colunt, Chattorum quondam populus et seditione domestica in eas sedes transgressus, in quibus pars Romani imperii fierent. Manet honos et antiquae societatis insigne; nam nec tributis contemnuntur nec publicanus atterit; exempti oneribus et conlationibus et tantum in usum proeliorum sepositi, velut tela atque arma, bellis reservantur. Est in eodem obsequio et Mattiacorum gens; protulit enim magnitudo populi Romani ultra Rhenum ultraque veteres terminos imperii reverentiam. Ita sede finibusque in sua ripa, mente animoque nobiscum agunt, cetera similes Batavis, nisi quod ipso adhuc terrae suae solo et caelo acrius animantur.

Non numeraverim inter Germaniae populos, quamquam trans Rhenum Danuviumque consederint, eos qui decumates agros exercent. Levissimus quisque Gallorum et inopia audax dubiae possessionis solum occupavere;

mox limite acto promotisque praesidiis sinus imperii et pars provinciae habentur.

[Português]

[30] Ultra hos Chatti initium sedis ab Hercynio saltu incoherent, non ita effusis ac palustribus locis, ut ceterae civitates, in quas Germania patescit; durant siquidem colles, paulatim rarescunt, et Chatti suos saltus Hercynius prosequitur simul atque deponit. Duriora genti corpora, stricti artus, minax vultus et maior animi vigor. Multum, ut inter Germanos, rationis ac sollertiae: praeponere electos, audire praepositos, nosse ordines, intellegere occasiones, differre impetus, disponere diem, vallare noctem, fortunam inter dubia, virtutem inter certa numerare, quodque rarissimum nec nisi ratione disciplinae concessum, plus reponere in duce quam in exercitu. Omne robur in pedite, quem super arma ferramentis quoque et copiis onerant: alios ad proelium ire videas, Chatti ad bellum. Rari excursus et fortuita pugna. Equestrium sane virium id proprium, cito parare victoriam, cito cedere: velocitas iuxta formidinem, cunctatio propior constantiae est.

[Português]

[31] Et aliis Germanorum populis usurpatum raro et privata cuiusque audentia apud Chatti in consensum vertit, ut primum adoleverint, crinem barbamque submittere, nec nisi hoste caeso exuere votivum obligatumque virtuti oris habitum. Super sanguinem et spolia revelant frontem, seque tum demum pretia nascendi rettulisse dignosque patria ac parentibus ferunt: ignavis et imbellibus manet squalor. Fortissimus

quisque ferreum insuper anulum (ignominiosum id genti) velut vinculum gestat, donec se caede hostis absolvat. Plurimis Chattorum hic placet habitus, iamque canent insignes et hostibus simul suisque monstrati. Omnium penes hos initia pugnarum; haec prima semper acies, visu nova; nam ne in pace quidem vultu mitiore mansuescunt. Nulli domus aut ager aut aliqua cura: prout ad quemque venire, aluntur, prodigi alieni, contemptores sui, donec exsanguis senectus tam durae virtuti impares faciat.

[Português]

[32] Proximi Chattis certum iam alveo Rhenum, quique terminus esse sufficiat, Usipi ac Tencteri colunt. Tencteri super solitum bellorum decus equestris disciplinae arte praecellunt; nec maior apud Chattos peditum laus quam Tencteris equitum. Sic instituere maiores; posteri imitantur. Hi lusus infantium, haec iuvenum aemulatio: perseverant senes. Inter familiam et penates et iura successionum equi traduntur: excipit filius, non ut cetera, maximus natus, sed prout ferox bello et melior.

[Português]

[33] Iuxta Tencteros Bructeri olim occurrebant: nunc Chamavos et Angrivarios inmigrasse narratur, pulsus Bructeris ac penitus excisis vicinarum consensu nationum, seu superbiae odio seu praedae dulcedine seu favore quodam erga nos deorum; nam ne spectaculo quidem proelii invidere. Super sexaginta milia non armis telisque Romanis, sed, quod magnificentius est, oblectationi oculisque ceciderunt. Maneat, quaeso, duretque gentibus, si non amor nostri, at certe odium

sui, quando urgentibus imperii fatis nihil iam praestare fortuna maius potest quam hostium discordiam.

[Português]

[34] Angrivarios et Chamavos a tergo Dulgubnii et Chasuarii cludunt, aliaeque gentes haud perinde memoratae, a fronte Frisii excipiunt. Maioribus minoribusque Frisiis vocabulum est ex modo virium. Utraeque nationes usque ad Oceanum Rheno praetexuntur, ambiuntque inmensos insuper lacus et Romanis classibus navigatos. Ipsum quin etiam Oceanum illa temptavimus: et superesse adhuc Herculis columnas fama vulgavit, sive adiit Hercules, seu quidquid ubique magnificum est, in claritatem eius referre consensimus. Nec defuit audentia Druso Germanico, sed obstitit Oceanus in se simul atque in Herculem inquiri. Mox nemo temptavit, sanctiusque ac reverentius visum de actis deorum credere quam scire.

[Português]

[35] Hactenus in occidentem Germaniam novimus; in septentrionem ingenti flexu redit. Ac primo statim Chaucorum gens, quamquam incipiat a Frisiis ac partem litoris occupet, omnium quas exposui gentium lateribus obtenditur, donec in Chattos usque sinuetur. Tam inmensum terrarum spatium non tenent tantum Chauci, sed et implent, populus inter Germanos nobilissimus, quique magnitudinem suam malit iustitia tueri. Sine cupiditate, sine impotentia, quieti secretique nulla provocant bella, nullis raptibus aut latrociniis populantur. Id praecipuum virtutis ac virium argumentum est, quod, ut superiores agant, non per

iniurias adsequuntur; prompta tamen omnibus arma ac, si res poscat, exercitus, plurimum virorum equorumque; et quiescentibus eadem fama.

[Português]

[36] In latere Chaucorum Chattorumque Cherusci nimiam ac marcentem diu pacem inlaccessiti nutrierunt: idque iucundius quam tutius fuit, quia inter impotentes et validos falso quiescas: ubi manu agitur, modestia ac probitas nomina superioris sunt. Ita qui olim boni aequique Cherusci, nunc inertes ac stulti vocantur: Chattis victoribus fortuna in sapientiam cessit. Tracti ruina Cheruscorum et Fosi, contermina gens. Adversarum rerum ex aequo socii sunt, cum in secundis minores fuissent.

[Português]

[37] Eundem Germaniae sinum proximi Oceano Cimbri tenent, parva nunc civitas, sed gloria ingens. Veterisque famae lata vestigia manent, utraque ripa castra ac spatia, quorum ambitu nunc quoque metiaris molem manusque gentis et tam magni exitus fidem. Sescentessimum et quadragessimum annum urbs nostra agebat, cum primum Cimbrorum audita sunt arma, Caecilio Metello et Papirio Carbone consulibus. Ex quo si ad alterum imperatoris Traiani consulatum computemus, ducenti ferme et decem anni colliguntur: tam diu Germania vincitur. Medio tam longi aevi spatio multa in vicem damna. Non Samnis, non Poeni, non Hispaniae Galliaeve, ne Parthi quidem saepius admonuere: quippe regno Arsacis acrior est Germanorum libertas. Quid enim aliud nobis quam

caedem Crassi, amisso et ipse Pacoro, infra Ventidium deiectus Oriens obiecerit? At Germani Carbone et Cassio et Scauro Aurelio et Servilio Caepione Gnaeoque Mallio fuis vel captis quinque simul consularis exercitus populo Romano, Varum trisque cum eo legiones etiam Caesari abstulerunt; nec impune C. Marius in Italia, divus Iulius in Gallia, Drusus ac Nero et Germanicus in suis eos sedibus perculerunt. Mox ingentes Gai Caesaris minae in ludibrium versae. Inde otium, donec occasione discordiae nostrae et civilium armorum expugnatis legionum hibernis etiam Gallias adfectavere; ac rursus inde pulsi proximis temporibus triumphati magis quam victi sunt.

[Português]

[38] Nunc de Suebis dicendum est, quorum non una, ut Chattorum Tencterorumve, gens; maiorem enim Germaniae partem obtinent, propriis adhuc nationibus nominibusque discreti, quamquam in commune Suebi vocentur. Insigne gentis obliquare crinem nodoque substringere: sic Suebi a ceteris Germanis, sic Sueborum ingenui a servis separantur. In aliis gentibus seu cognatione aliqua Sueborum seu, quod saepe accidit, imitatione, rarum et intra iuventae spatium; apud Suebos usque ad canitiem horrentem capillum retro sequuntur. Ac saepe in ipso vertice religatur; principes et ornatiorem habent. Ea cura formae, sed innoxia; neque enim ut ament amenturve, in altitudinem quandam et terrorem adituri bella compti, ut hostium oculis, armantur.

[Português]

[39] Vetustissimos se nobilissimosque Sueborum Semnones memorant; fides antiquitatis religione firmatur. Stato tempore in silvam auguriis patrum et prisca formidine sacram omnes eiusdem sanguinis populi legationibus coeunt caesoque publice homine celebrant barbari ritus horrenda primordia. Est et alia luco reverentia: nemo nisi vinculo ligatus ingreditur, ut minor et potestatem numinis prae se ferens. Si forte prolapsus est, attolli et insurgere haud licitum: per humum evolvuntur. Eoque omnis superstitio respicit, tamquam inde initia gentis, ibi regnator omnium deus, cetera subiecta atque parentia. Adicit auctoritatem fortuna Semnonum: centum pagi iis habitantur magnoque corpore efficitur ut se Sueborum caput credant.

[Português]

[40] Contra Langobardos paucitas nobilitat: plurimis ac valentissimis nationibus cincti non per obsequium, sed proeliis ac periclitando tuti sunt. Reudigni deinde et Aviones et Anglii et Varini et Eudoses et Suardones et Nuithones fluminibus aut silvis muniuntur. Nec quicquam notabile in singulis, nisi quod in commune Nerthum, id est Terram matrem, colunt eamque intervenire rebus hominum, invehi populis arbitrantur. Est in insula Oceani castum nemus, dicatumque in eo vehiculum, veste contectum; attingere uni sacerdoti concessum. Is adesse penetrali deam intellegit vectamque bubus feminis multa cum veneratione prosequitur. Laeti tunc dies, festa loca, quaecumque adventu hospitioque dignatur. Non bella ineunt, non arma sumunt; clausum omne ferrum; pax et quies tunc tantum nota, tunc tantum amata, donec idem sacerdos

satiatam conversatione mortalium deam templo reddat. Mox vehiculum et vestes et, si credere velis, numen ipsum secreto lacu abluitur. Servi ministrant, quos statim idem lacus haurit. Arcanus hinc terror sanctaque ignorantia, quid sit illud, quod tantum perituri vident.

[Português]

[41] Et haec quidem pars Sueborum in secretiora Germaniae porrigitur. Propior, ut, quo modo paulo ante Rhenum, sic nunc Danuvium sequar, Hermundurorum civitas, fida Romanis; eoque solis Germanorum non in ripa commercium, sed penitus atque in splendidissima Raetiae provinciae colonia. Passim et sine custode transeunt; et cum ceteris gentibus arma modo castraque nostra ostendamus, his domos villasque patefecimus non concupiscentibus. In Hermunduris Albis oritur, flumen inclutum et notum olim; nunc tantum auditur.

[Português]

[42] Iuxta Hermunduros Naristi ac deinde Marcomani et Quadi agunt. Praecipua Marcomanorum gloria viresque, atque ipsa etiam sedes pulsas olim Boiis virtute parta. Nec Naristi Quadive degenerant. Eaque Germaniae velut frons est, quatenus Danuvio peragitur. Marcomanis Quadisque usque ad nostram memoriam reges mansere ex gente ipsorum, nobile Marobodui et Tudri genus: iam et externos patiuntur, sed vis et potentia regibus ex auctoritate Romana. Raro armis nostris, saepius pecunia iuvantur, nec minus valent.

[Português]

[43] Retro Marsigni, Cotini, Osi, Buri terga

Marcomanorum Quadorumque claudunt. E quibus Marsigni et Buri sermone cultuque Suebos referunt: Cotinos Gallica, Osos Pannonica lingua coarguit non esse Germanos, et quod tributa patiuntur. Partem tributorum Sarmatae, partem Quadi ut alienigenis imponunt: Cotini, quo magis pudeat, et ferrum effodiunt. Omnesque hi populi pauca campestrium, ceterum saltus et vertices montium iugumque insederunt. Dirimit enim scinditque Suebiam continuum montium iugum, ultra quod plurimae gentes agunt, ex quibus latissime patet Lygiorum nomen in plures civitates diffusum. Valentissimas nominasse sufficiet, Harios, Helveconas, Manimos, Helisios, Nahanarvalos. Apud Nahanarvalos antiquae religionis lucus ostenditur. Praesidet sacerdos muliebri ornatu, sed deos interpretatione Romana Castorem Pollucemque memorant. Ea vis numini, nomen Alcis. Nulla simulacra, nullum peregrinae superstitionis vestigium; ut fratres tamen, ut iuvenes venerantur. Ceterum Harii super vires, quibus enumeratos paulo ante populos antecedunt, truces insitae feritati arte ac tempore lenocinantur: nigra scuta, tinctorum corpora; atras ad proelia noctes legunt ipsaque formidine atque umbra feralis exercitus terrorem inferunt, nullo hostium sustinente novum ac velut infernum adspectum; nam primi in omnibus proeliis oculi vincuntur.

[Português]

[44] Trans Lygios Gotones regnantur, paulo iam adductius quam ceterae Germanorum gentes, nondum tamen supra libertatem. Protinus deinde ab Oceano Rugii et Lemovii; omniumque harum gentium insigne rotunda scuta, breves gladii et erga reges obsequium.

Suionum hinc civitates ipso in Oceano praeter viros armaque classibus valent. Forma navium eo differt, quod utrimque prora paratam semper adpulsui frontem agit. Nec velis ministrantur nec remos in ordinem lateribus adiungunt: solutum, ut in quibusdam fluminum, et mutabile, ut res poscit, hinc vel illinc remigium. Est apud illos et opibus honos, eoque unus imperitat, nullis iam exceptionibus, non precario iure parendi. Nec arma, ut apud ceteros Germanos, in promiscuo, sed clausa sub custode, et quidem servo, quia subitos hostium incursus prohibet Oceanus, otiosae porro armatorum manus facile lasciviunt. Enimvero neque nobilem neque ingenuum, ne libertinum quidem armis praeponere regia utilitas est.

[Português]

[45] Trans Suionas aliud mare, pigrum ac prope inmotum, quo cingi cludique terrarum orbem hinc fides, quod extremus cadentis iam solis fulgor in ortus edurat adeo clarus, ut sidera hebetet; sonum insuper emergentis audiri formasque equorum et radios capitis adspici persuasio adicit. Illuc usque (et fama vera) tantum natura. Ergo iam dextro Suebici maris litore Aestiorum gentes adluuntur, quibus ritus habitusque Sueborum, lingua Britannicae propior. Matrem deum venerantur. Insigne superstitionis formas aprorum gestant: id pro armis omniumque tutela securum deae cultorem etiam inter hostis praestat. Rarus ferri, frequens fustium usus. Frumenta ceterosque fructus patientius quam pro solita Germanorum inertia laborant. Sed et mare scrutantur, ac soli omnium sucinum, quod ipsi glesum vocant, inter vada atque in ipso litore legunt. Nec quae natura, quaeve ratio gignat,

ut barbaris, quaesitum compertumve; diu quin etiam inter cetera eiectamenta maris iacebat, donec luxuria nostra dedit nomen. Ipsis in nullo usu; rude legitur, informe profertur, pretiumque mirantes accipiunt. Sucum tamen arborum esse intellegas, quia terrena quaedam atque etiam volucra animalia plerumque interlucent, quae implicata umore mox durescente materia cluduntur. Fecundiora igitur nemora lucosque sicut Orientis secretis, ubi tura balsamaque sudantur, ita Occidentis insulis terrisque inesse crediderim, quae vicini solis radiis expressa atque liquentia in proximum mare labuntur ac vi tempestatum in adversa litora exundant. Si naturam sucini admoto igni temptes, in modum taedae accenditur alitque flammam pinguem et olentem; mox ut in picem resinamve lentescit.

Suionibus Sitonum gentes continuantur. Cetera similes uno differunt, quod femina dominatur; in tantum non modo a libertate sed etiam a servitute degenerant.

[Português]

[46] Hic Suebiae finis. Peucinorum Venedorumque et Fennorum nationes Germanis an Sarmatis adscribam dubito, quamquam Peucini, quos quidam Bastarnas vocant, sermone, cultu, sede ac domiciliis ut Germani agunt. Sordes omnium ac torpor procerum; conubiis mixtis nonnihil in Sarmatarum habitum foedantur. Venedi multum ex moribus traxerunt; nam quidquid inter Peucinos Fennosque silvarum ac montium erigitur latrociniis pererrant. Hi tamen inter Germanos potius referuntur, quia et domos figunt et scuta gestant et pedum usu ac pernecitate gaudent: quae omnia diversa Sarmatis sunt in plaustro equoque viventibus. Fennis

mira feritas, foeda paupertas: non arma, non equi, non penates; victui herba, vestitui pelles, cubile humus: solae in sagittis spes, quas inopia ferri ossibus asperant. Idemque venatus viros pariter ac feminas alit; passim enim comitantur partemque praedae petunt. Nec aliud infantibus ferarum imbriumque suffugium quam ut in aliquo ramorum nexu contegantur: huc redeunt iuvenes, hoc senum receptaculum. Sed beatius arbitrantur quam ingemere agris, inlaborare domibus, suas alienasque fortunas spe metuque versare: securi adversus homines, securi adversus deos rem difficillimam adsecuti sunt, ut illis ne voto quidem opus esset. Cetera iam fabulosa: Hellusios et Oxionas ora hominum voltusque, corpora atque artus ferarum gerere: quod ego ut incompertum in medio relinquam.

[Português]

Apud: P. CORNELI TACITI OPERA
<http://patriot.net/~lillard/cp/tac.html>

NOTA DE COPYRIGHT

A presente edição foi feita em "fair use", reputando o texto original como de domínio público. O prefácio é datado de 1945 e o copyright da edição que consta é de 1952 e atribuído à Edições e Publicações Brasil S.A., que não conseguimos localizar na relação das editoras associadas à C.B.L. e da qual desconhecemos ter ou não deixado sucessores patrimoniais. Caso, involuntariamente, haja na presente edição a violação de qualquer direito patrimonial, o legítimo detentor de tais direitos ou quem tiver notícia da existência de algum é cordialmente convidado a comunicar o fato à eBooksBrasil.com [livros@ebooksbrasil.com] para que este título seja imediatamente retirado da eBiblioteca Pública e possamos informar onde o título poderá ser adquirido.

Versão para eBook
eBooksBrasil

Fevereiro 2001

Proibido todo e qualquer uso comercial.

Se você pagou por esse livro

VOCE FOI ROUBADO!

Você tem este e muitos outros títulos

GRÁTIS

direto na fonte:

eBooksBrasil.org

Edições em pdf e eBookLibris

eBooksBrasil.org

Março 2006

eBookLibris

© 2006 eBooksBrasil.org